

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Celia Ceschin Silva Pereira

Arte e Formação Profissional: o Curso de Artes Visuais da Universidade da Região de
Joinville – UNIVILLE

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Celia Ceschin Silva Pereira

Arte e Formação Profissional: o Curso de Artes Visuais da Universidade da Região de
Joinville – UNIVILLE

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação Psicologia da Educação, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Mitsuko A. Makino Antunes e coorientação da Prof^ª. Dra. Elizabete Tamanini

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO

2013

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido Rogério de Assis Pereira (*in memoriam*). Os anos de amor e companheirismo me deram forças para continuar a caminhada. Aos meus filhos Rafael e Simony, que juntos me proporcionaram o alicerce necessário para seguir nesta caminhada.

AGRADECIMENTO

Às minhas orientadoras, Prof^a. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes e Prof^a. Dra. Elisabete Tamanini, que não mediram esforços para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Prof^a. Dra. Laurinda Ramalho de Almeida e ao Prof^o. Dr. José Roberto Heloani pelas orientações e sugestões feitas no exame de qualificação.

Às professoras e artistas, Deneusa Luzia Rodrigues, Eliane Day, Ivone Schutz, Linda Poll, Sulamir Brincas, pelos relatos evidenciando o amor e dedicação pelo ensino da arte na escola e por suas produções artísticas, que vieram qualificar a área cultural de Joinville.

À Universidade da Região de Joinville – Univille e à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, por proporcionarem o conhecimento necessário para este doutoramento.

RESUMO

Esta pesquisa de doutorado apresenta como temática: Arte e Formação Profissional: o Curso de Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville – Univille. O objetivo inspirador para este processo foi a identificação de diálogos e relatos sobre os percursos de ex-alunos do Curso, tendo como referência as múltiplas conexões entre a vida artística e a profissionalização desses sujeitos. Destacamos, nesta construção metodológica, temas geradores, como: a escolha do Curso de Artes Visuais, as lembranças dos tempos do curso; o aprendizado para a vida pessoal e profissional; as lembranças dos professores do curso; o significado do Curso para a vida cultural de Joinville e os caminhos seguidos após a conclusão do curso. Para compreendermos a Arte enquanto categoria da produção humana, apresentamos, em forma de síntese, o legado histórico do Ensino da Arte no Brasil. Em seguida, abordamos antecedentes socioculturais sobre a região Norte do Estado de Santa Catarina, com apontamentos acerca do município de Joinville, localizando o Curso nesse cenário. Por fim, destacamos narrativas de ex-alunos do Curso que, de forma singular, revelam a importância da experiência da formação profissional em Artes e, sobretudo, a visibilidade desse processo para o desenvolvimento cultural da cidade e para a profissionalização do ensino da Arte nesta região.

Palavras-chave: Educação. Arte. Ensino. Cultura.

ABSTRACT

This doctorate research has as a theme: Art and Professional Formation: The Course of Visual Arts from the University of Joinville Region - Univille. The inspire objetctive for this process was identifying dialogues and stories about the paths of former students of the course, with reference to the multiple connections between the artistic and the professionalization of these individuals. We highlight this methodological construction, generating issues such as the choice for Visual Arts Course, memories of time travel, learning for personal and professional life, the memories of the teachers the course, the meaning of the Course to the cultural life of Joinville and the paths followed after completion. To understand the art as a category of human production presented in summary form the historical legacy of Teaching Art in Brazil. Then we discuss about the sociocultural history northern state of Santa Catarina with notes about the city of Joinville locating the course in this scenario. Finally, we highlight stories of former students from that uniquely reveal the importance of experience and training in arts, especially the visibility of this process to the cultural development of the city and to the professionalization of the teaching of art in this region.

Key-words: Education. Art. Teaching. Culture.

LISTA DE SIGLAS

AAPLAJ – Associação de Artistas Plásticos de Joinville
ACE – Associação Catarinense de Ensino
AJOS – Associação Joinvilense de Organizações Sociais
CAD – Centro de Artes e Design
CEE – Conselho Estadual de Educação
CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CEPA – Centro de Estudos e Pesquisas Ambientais
CFE – Conselho Federal de Educação
CIDAP – Centro Interamericano de *Artesanías y Artes Populares*
DBAE – *Discipline Base Art Education*
DOE – Diário Oficial do Estado
DOU – Diário Oficial da União
ESAMC – Escola de Administração Propaganda e Marketing
FAP – Faculdade de Artes do Paraná
FUCRI – Fundação Educacional de Criciúma
FUNC – Fundação Universitária do Norte Catarinense
FUNDAJE – Fundação Joinvilense de Ensino
FURB – Universidade da Região de Blumenau
FURJ – Fundação Educacional da Região de Joinville
JTC – Joinville Tênis Clube
IES – Instituto de Ensino Superior
INOVAPARQ – Parque de Inovação Tecnológica de Joinville e Região
ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAJ – Museu de Arte de Joinville
MACSP – Museu de Arte Contemporânea de São Paulo
NPI – Núcleo Pedagógico Integrador
NUPAE – Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação
ONG – Organização Não-Governamental
PCNA – Parâmetros Curriculares Nacionais da Arte

PIAE – Programa Institucional Arte na Escola

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PPP – Projeto Político Pedagógico

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

PUC – SP– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI – Serviço Social da Indústria

SENAC – Serviço Nacional do Comércio

UCRE – Unidade de Coordenação Regional de Educação

UDESC – Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNC – Universidade do Contestado

UNISOL – Universidade Solidária

UNIPAZ – Universidade Internacional da Paz

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

MOMENTO 1 – APRESENTANDO INTENCIONALIDADES DOS PERCURSOS E DIÁLOGOS COM A TEMÁTICA	11
MOMENTO 2 – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS E LEGADO DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	18
MOMENTO 3 – ANTECEDENTES SOBRE JOINVILLE, A UNIVILLE E O CURSO DE ARTES VISUAIS: HISTÓRIA E ATUALIDADE	32
3.1 Sobre Joinville – um olhar.....	34
3.2 Sobre a Univille.....	39
3.3 Sobre o curso de Artes Visuais da Univille	41
MOMENTO 4 – DO GOSTO PELA ARTE À BUSCA PELO CURSO DE ARTES VISUAIS.....	50
4.1 O curso de Artes Visuais da Univille: sentidos e vivências.....	54
4.2 Os conteúdos e os professores	58
4.2.3 A dimensão afetiva: sentimentos nas relações entre os alunos e na vivência artística	64
4.2.4 Da formação à profissão: arte, cultura e educação	66
4.3 O curso de Artes Visuais e sua presença em Joinville.....	74
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81
ANEXO.....	85

MOMENTO 1

APRESENTANDO INTENCIONALIDADES DOS PERCURSOS E DIÁLOGOS COM A TEMÁTICA

“Há pessoas que transformam o sol numa simples mancha amarela, mas há aquelas que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol”. Pablo Picasso

Desde criança, sonhava ser artista plástica; estudei no ateliê dos artistas plásticos Luis Carlos de Andrade Lima (paisagem) e André Kennedy (retratista) para aprender e sentir como o artista via o mundo e como o interpretava por meio de linhas e cores. Percebi o quanto ser artista é importante pelo fato de, por sua criação, possibilitar uma visão de mundo que transcende o tempo. Meu trabalho artístico encaminhou-se, como por encanto, nas artes de gravar¹ imagens. Desde cedo, cativou-me a possibilidade de produzir uma matriz criativa para reproduzir a obra quantas vezes quisesse e, a partir dela, dar origem a imagens similares.

Como artista plástica, vejo a liberdade que o artista tem de buscar o impossível, tornando-o, muitas vezes, possível. Procurando respostas às minhas indagações sobre por que estar ligada às artes, vejo-me como o artista Kandinski (1990, p. 11): “[...] a arte deve corresponder a uma necessidade interior, buscando por certo suas fontes em suas épocas, mas, sobretudo, gerando o futuro”. O desenho, a pintura, a gravura ou outra manifestação plástica conduz o artista a momentos de sublimação que se dá ao consumir a criação com a qual o artista se comunica com o mundo. Também ressalto que, ao longo desses anos, fui juntando o ser artista e o ser professora/educadora como um desafio para a construção de processos educativos de fruição e socialização do saber artístico. Nesse sentido, concordo com Brandão (1985, p. 07), quando diz que “educação é todo o conhecimento adquirido com a vivência em

¹A gravura é uma forma de comunicação não verbal utilizada desde os homens mais primitivos até a atualidade. Ela é importante agente de registro da humanidade nos ambientes terrestres. A gravura e a arte de gravar incorporam o entrelaçamento de situações psicológicas e sociais do ser e do fazer artístico, em que o dimensionamento entre o espiritual e o existencial leva à descoberta de novos valores. (CESCHIN, 2001).

sociedade, seja ela qual for; sendo assim, o ato educacional ocorre no ônibus, em casa, na igreja, na família e todos nós fazemos parte desse processo”. Ainda, segundo o mesmo autor,

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação Educações. (BRANDÃO, 1985, p.7).

A tese de doutorado em Educação – Psicologia da Educação, a qual apresento ao leitor/a, cuja temática é **Arte e Formação Profissional: Curso de Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville – Univille** apresenta relatos e percursos dos egressos do Curso de Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville – Univille, tendo como referência as múltiplas conexões entre a vida e a profissionalização desses sujeitos. Nessa construção, mesclamos nossas experiências, observadas e narradas a partir de contextos sócio-culturais de formação nas Artes de um modo geral, e também de nossa inserção no Curso em estudo. Cabe destacar que esses diálogos e percursos não são lembranças puras, pois no decorrer da vida passaram muitas pessoas que levaram algumas coisas e outras que deixaram vivências e experiências, as quais acabaram por influenciar a construção da narrativa que agora integra esta pesquisa.

Bosi (1994) ressalta que: “Somos de nossas recordações apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão”. A mesma autora continua:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 58).

Sou de uma família não tão numerosa que, ao fugir da guerra na Itália, cidade de *Miane*, encontrou no Brasil sua acolhida para um novo começo. Através de documentações vindas de uma igreja da Itália (cidade de *Miane*) e buscas em cartórios de Curitiba, encontrei registros que ajudam a descrever detalhes de parte da história social pouco comentada e registrada pelos imigrantes estrangeiros que aqui chegaram no final do século XIX. Minha

mãe, Iracema Ceschin, com 83 anos, contando o que guarda na memória das épocas passadas, sobre os costumes, tradições e lembranças do passado da vida, familiar diz:

[...] por estarem na condição de imigrantes, (1936) com seis anos, lembro bem dos sofrimentos causados pela guerra, faltava alimentação, porque ia tudo para a guerra, o pão era feito de farelo e para comprar açúcar (mascavo), tinha que entrar numa enorme fila de madrugada. (entrevista cedida à autora em 2010).

Em Curitiba (Prado Velho), morávamos todos no mesmo terreno, somente com divisão de cercas, ao lado da casa de meus avós e de meus tios. Nossa convivência era com avós, tios e primos. Meus avós tinham sotaque italiano e lembro-me de que, quando chegavam os parentes, só se falava italiano, mas não ensinaram os filhos e netos a falar o idioma. Tive uma infância tranquila, estudei no Colégio São José, em Curitiba, de ensino fundamental e médio. O colégio era particular, feminino, dirigido por freiras, e o ensino da arte era visto como uma atividade que ajudava as meninas a confeccionar blusas de tricô e crochê. Tínhamos uma bandinha para apresentações nas festas dos pais, aulas de canto e música. Era um ensino instrumental para desenvolver habilidades em diferentes técnicas manuais. O método adotado não tinha como prioridade o conhecimento histórico e estético da arte e essas habilidades técnicas ajudavam nas apresentações teatrais, confecções de fantasias, cenários, pinturas corporais e outras. O colégio adotava dois tipos de uniforme escolar: um para os dias de semana normais, que consistia de saia de pregas na altura dos joelhos, na cor azul-marinho, blusa branca com mangas curtas e um pequeno broche com a sigla SJ (São José), meias brancas curtas e sapato colegial preto. Para ocasiões especiais, de festas, apresentações artísticas e desfiles comemorativos, tínhamos o “uniforme de gala”, que consistia na saia com pregas e uma blusa branca de mangas compridas de seda, abotoaduras, meias brancas três-quartos e sapatos na cor preto de verniz. Eram ocasiões especiais para o colégio porque recebia visitas de familiares que vinham ver as apresentações de teatro, de música vocal e instrumental, apresentações da bandinha do colégio, que tinha como caracterização de cada instrumento uma cor de cartola. Eu me recordo de que tocava pandeiro e minha cartola era azul clara.

Daquilo que me lembro, sempre gostei de desenhar e pintar. Com 13 anos, fui com meu pai, Nelson Vasconcellos da Silva, fazer uma visita à casa de seu amigo de pesca. Lá encontrei o caminho que iria conduzir minha vida até hoje. Enquanto meu pai conversava com seu amigo, eu percebi, na parede da sala, um quadro pintado com óleo sobre tela; o tema era

uma paisagem com um leão em primeiro plano. Fiquei tão impressionada com a pintura que não conseguia tirar os olhos da tela. Meu pai (que também gostava de arte), percebendo meu interesse pelo quadro, perguntou-me se gostara da pintura. Seu amigo viu nosso interesse e falou que quem realizara aquele quadro fora sua filha de 15 anos. Fiquei mais impressionada ainda, sabendo que uma mocinha podia fazer tal trabalho. Mencionou que estava frequentando uma escola de artes. Fiz todas as indagações possíveis para saber como poderia também participar dessas aulas.

O curso era de ensino técnico regular de artes plásticas, dirigido pela Secretaria de Educação e Cultura de Curitiba, executado pela Escola Profissional Feminina “República Argentina”. Era um curso profissionalizante e, para frequentá-lo, havia necessidade de ter concluído o ensino fundamental. Esperei a data de início das matrículas e iniciei o curso regular de Desenho e Pintura. O período de estudos para conseguir o diploma foi de três anos, com aulas de 2ª a 6ª feira, à tarde. A matriz curricular era direcionada a todas as técnicas e procedimentos relacionados ao Desenho e à Pintura, as quais consistiam em desenho (luz e sombra, carvão, com os quais fazíamos rosto, corpo humano, natureza morta, perspectiva etc.), e pintura técnica com bico-de-pena, aquarela, nanquim, guache, óleo sobre tela, pintura em gesso, madeira, vitral, entre outras. O Curso também me ensinou a pintura ao “ar livre”: íamos aos arrabaldes (município de Piraquara) de Curitiba pintar os pinheiros que tanto agradavam os curitibanos. Fiquei feliz ao chegar em casa com um quadro ainda molhado com o tema “palhaço”; meu primo estava fazendo uma visita à família, gostou do quadro e o comprou. Com o dinheiro da venda comprei uma mala de madeira, própria de artista, com todos os materiais para pintura a óleo, como pincéis, espátulas, tintas, solventes e um aparador de tintas. Com esses materiais, continuei fazendo e vendendo meus trabalhos. A próxima compra foi um cavalete para pintura de paisagem ao “ar livre”.

Frequentei esse curso com a idade de 15 a 17 anos. Para me dedicar somente às artes plásticas, tranquei a matrícula do ensino médio da escola Técnica Federal do Paraná, pois eu queria me dedicar somente ao curso de desenho e pintura (para desgosto de minha família). Para que eu pudesse somente participar dessas aulas de artes, esperei meus pais irem a São Paulo, fiz matrícula e dediquei-me durante os três anos seguintes intensamente ao que iria me dar um certificado de curso técnico em desenho e pintura. Depois da “formatura”, para o bem estar da família, retornei aos estudos, concluindo o ensino médio e, alguns anos mais tarde, passei no vestibular da Faculdade de Artes do Paraná – FAP (1983), para o curso de Artes Plásticas. Escolhi esse curso porque era direcionado ao ensino da arte, visto que, como artista plástica, eu poderia contribuir para o ensino da arte na escola e mostrar a importância do

artista nesse universo. Como artista, sentia o mundo como se ele se comunicasse através da arte. Meu desejo maior era entrar na área do ensino, sem deixar de ser uma artista plástica exitosa.

No segundo ano de Faculdade de Artes do Paraná – FAP, meu marido foi transferido para gerenciar, em Joinville, a filial da empresa em que trabalhava. Fizemos nossa mudança para Joinville com a certeza (dita por ele) de que havia o mesmo curso de Educação Artística neste município. Para minha surpresa e decepção, não tinha o Curso de Artes; quis voltar para Curitiba, mas ele me convenceu a ficar e frequentar o Curso de Letras, pois era o único que havia no período diurno. Fiz o vestibular no ano de 1986 e iniciei o curso de Letras. Mas meu interesse sempre esteve voltado para a Arte; sendo assim, fui procurar algo que me levasse a artistas e me deparei com uma exposição “*O festival de dança de Joinville de 1985*”.²Havia um texto explicativo desse evento, mostrando que a exposição era da Associação de Artistas Plásticos de Joinville – AAPLAJ; o texto falava do movimento dos artistas de Joinville. Percebi que estava diante de um movimento ativo de artistas, que viria ao encontro de tudo com que eu mais sonhava, isto é, estar junto de quem tinha o mesmo interesse artístico.

Na semana seguinte, conheci a artista plástica Linda Suzana Poll, que também estava chegando de Porto Alegre e, para surpresa de ambas, percebemos que tínhamos o mesmo interesse pela Arte e a necessidade de encontrar o local em que os artistas de Joinville se reuniam. Fomos ao Museu de Arte de Joinville – MAJ³ e lá nos falaram que os artistas da AAPLAJ reuniam-se uma vez por mês, naquele local.

Nesse mesmo ano de 1985 nos associamos a essa entidade e começamos a participar ativamente dos eventos culturais da cidade. O presidente da associação era o artista Edson Machado e os objetivos dessas reuniões eram incentivar os artistas “novos e veteranos”, como se referiam, a trocar idéias, informações e repensar conceitos artísticos, bem como participar de exposições, palestras, mini cursos, que, muitas vezes, eram ministrados pelos artistas em Joinville, Florianópolis, Curitiba e outras regiões. Os associados da AAPLAJ, nesse período, eram muito atuantes nos eventos locais e regionais; fazíamos exposições coletivas em diferentes estados, como Santa Catarina, Paraná e São Paulo; também éramos incentivados a participar de concursos e salões de Arte Contemporânea. A associação recebia os regulamentos e passava aos artistas, dando incentivo à participação, bem como a fazer novas

2 O Festival de Dança de Joinville é um evento que se iniciou em 1985, e os artistas plásticos tinham participação com exposições sobre o tema relacionado ao festival.

3 O MAJ foi criado em 1973, entre suas ações tinha como meta apoiar artistas cedendo espaço para as reuniões da AAPLAJ.

pesquisas artísticas, a fim de enviar obras para serem avaliadas por críticos renomados de todo o país.

Iniciei, em 1992, um curso de Especialização pela USP – UNIVILLE, “A prática Social da Arte”, apresentando a monografia: “Museu Fritz Alt: o museu como verdadeiro espaço cultural”. Meu primeiro trabalho como professora de Artes foi para o ensino fundamental e médio no Colégio Cenecista José Elias Moreira. Em 1996, fui lecionar no curso de Artes Visuais da UNIVILLE, do qual estou na coordenação desde o ano de 2009. No período de 1999/2002 fiz o Curso de Mestrado em Educação, na Universidade da Região de Blumenau-FURB. Na pesquisa, contei minha experiência como artista gravurista, mostrando que o professor que é também artista tem grandes possibilidades de atuar de modo criativo, pois os conhecimentos adquiridos e vivências podem contribuir para um melhor ensino da arte na escola. A dissertação teve como título: “*A gravura como linguagem artística e suas possibilidades no contexto pedagógico didático do ensino fundamental*”, e foi defendida no ano de 2002.

Os anos de minha formação como artista plástica e pesquisadora em arte-educação fizeram com que eu me envolvesse cada vez mais com esse universo fascinante da fruição e do saber, especialmente em projetos de pesquisa científica. Nesse caminhar, foi possível refletir a respeito das diversas perspectivas da linguagem da gravura, linguagem da tecelagem, arte na educação, estética, estudando conceitos históricos, sociológicos e antropológicos, visando à interdisciplinaridade, integrando diferentes áreas de conhecimento.

Ao deparar-me com esses anos de vivências, observações, especulações, criações e estudos, vejo a possibilidade de, neste momento, contribuir um pouco mais com reflexões acerca do papel da Arte como elemento protagonista de novas concepções acerca da formação cultural e da Educação. Assim, considero, sobretudo, que, nesta produção, mesclam-se percursos e diálogos de experiências de vida dos sujeitos e da pesquisadora. Observo também que as histórias escritas nos livros terminam logo depois de algumas páginas; o mesmo não acontece com a vida. Somos coleções com vários volumes. Na vida, ainda que um episódio termine mal, sempre há outro à espera e depois desse mais outro e outro, e assim segue a vida. A leitura desses contextos podem remeter aos significados da trama histórica que está no bojo desse processo. Durante a pesquisa, percebi que a aproximação com as egressas, sujeitos deste estudo, também ocorreu como forma de aprender a ouvir os outros e a mim mesma. Como entende Freire (1997, p. 59), “Não há como ignorar nossa identidade cultural”.

Para apresentar os resultados de nossa pesquisa, sistematizamos nosso trabalho conforme os recortes que nos foram possibilitados sem, contudo, seguir uma linearidade, pois

as narrativas são como as memórias: elas surgem nos momentos mais inesperados e nos convidam a abrir parênteses para que as recordações ganhem vida. Desse modo, também construímos esta tese, abrindo parênteses para as inserções teóricas, para os diálogos e percursos das ex-alunas, para a reflexão sobre o dito e sobre o vivido, porque também somos parte da pesquisa na medida em que nos reconhecemos nela e nas histórias de nossas narradoras. Desse modo, esta pesquisa de doutorado estrutura-se conforme o fluxo das referências reveladas nas temáticas como elementos de múltiplas conexões do Curso de Artes Visuais da Univille.

Assim segue o texto: **Momento 1 – Apresentando intencionalidades dos percursos e diálogos com a temática.** Aqui registramos fragmentos de nossa história de vida, dialogando com as provocações da temática de pesquisa e alinhavando-os no caminho de construção do trabalho.

Para o **Momento 2 – Construções históricas e legado do ensino da arte no Brasil,** elaboramos um estudo destacando alguns aspectos da construção histórica e do legado do Ensino da Arte no Brasil, de modo a situar o (a) leitor (a), à temática em debate.

Em seguida, abordamos, no **Momento 3 – Antecedentes sobre Joinville, a Univille e o Curso de Artes Visuais: história e atualidade** – a fim de compreendermos a Arte e a Formação Profissional no Curso de Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville – objeto de estudo desta tese, para o qual se faz necessário conhecer alguns aspectos da história de Joinville, a relação da Univille com o movimento artístico e cultural, materializando-se na criação do Curso de Artes desta Instituição.

Por fim, o **Momento 4 – Do gosto pela arte à busca pelo curso de Artes Visuais** apresenta os conteúdos, os professores, os sentimentos nas relações entre os alunos e sua vivência artística; a formação até a profissionalização envolvendo arte, cultura e educação; o Curso de Artes Visuais, sua influência e presença em Joinville. Tais narrativas, de forma singular, revelam a importância da experiência de formação profissional em Artes e, sobretudo, a visibilidade deste processo para o desenvolvimento cultural da cidade e para a profissionalização do ensino da Arte nesta região.

MOMENTO 2

CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS E LEGADO DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

“As formas de arte representam a única via de acesso a este mundo interior de sentimentos, reflexões e valores da vida, a única maneira de expressá-los e também de comunicá-los aos outros”. Fayga Ostrower

Neste capítulo, consideramos significativo para a exposição desta pesquisa apresentar aspectos da construção histórica e do legado do ensino da arte no Brasil, de modo a situar o(a) leitor(a), à temática em debate.

O ensino e a aprendizagem da arte desempenham importante papel na formação dos estudantes como cidadãos críticos e na formação de professores como agentes que desenvolvem múltiplas formas de comunicação de conhecimento e de aprimoramento sensorial. A arte é uma forma de comunicação não verbal utilizada desde os homens mais primitivos até a atualidade. Ela é um importante agente de registro da história da humanidade.

A arte e o ensino da arte no Brasil tiveram sua importância principalmente por dar início ao ensino superior durante o Reinado e o Império, pois havia necessidade de formar uma elite que defendesse culturalmente a Corte; o comprometimento do ensino artístico (Desenho) visando a uma preparação para o trabalho. Os princípios do liberalismo e do positivismo da experimentação psicológica influenciaram a escola em geral e o ensino da arte na escola (BARBOSA, 1978, p. 12).

Com o passar do tempo, a arte passou a ter outra conotação, como forma de expressão humana, conforme enfatizado por Ostrower, que mostra a arte como forma expressiva do humano:

É preciso entender que a arte não é uma mera técnica de reprodução das aparências de figuras humanas, paisagens ou objetos (como se fosse uma

espécie de precursora da fotografia de documentação). A arte é uma linguagem própria, cujos termos específicos – cores, linhas, formas – são expressivos em si, e cujos contrastes e ênfases formais também se tornam expressivos. (OSTROWER, 1998 p. 3).

Informações sobre as origens do ensino da arte no Brasil foram obtidas pela pesquisa pioneira realizada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa que, depois de uma intensa busca em periódicos, livros, anais e revistas históricas, publicou “Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo”,⁴ em 1978. Com base nesse trabalho, abordaremos o início da arte-educação no Brasil, para o lugar do ensino de arte, em nível superior, com a criação da Academia Imperial de Belas-Artes⁵ durante o Reinado.

Martins menciona que, para compreender a origem da arte no Brasil precisamos também voltar no tempo e buscar as origens do ensino da arte no Brasil. Os movimentos culturais tiveram sua importância e também a chegada da Missão Francesa, trazendo artistas europeus de renome, em que artistas profissionais registravam a flora e a fauna brasileiras como tema principal de sua arte.

Uma referência importante para a compreensão do ensino de arte no Brasil é a celebre Missão Francesa trazida em 1816, por D. João VI (...) o ponto forte dessa escola era o desenho, com a valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus. (MARTINS, 1998, p10).

Ao referir-se ao ensino, Martins (1998) comenta que a ênfase no ensino do desenho demonstrava um ensino autoritário, pois ficava centrado na figura do professor como “dono da verdade”. Ensinava-se a copiar modelos prontos, todos com o mesmo resultado, sem a liberdade de livre expressão.

Ostrower (1998) refere-se à arte como tendo conteúdos profundos que nos estimulam à percepção do mundo. Se o professor conseguir explorar esse conteúdo em suas aulas, ele conseguirá estimular seus alunos a comunicar-se através da própria arte.

Pois a arte se refere em última instância à própria condição humana e a certos questionamentos sobre a realidade do nosso viver. Ela sempre formula

4 Barbosa, Ana Mae Tavares Bastos. Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo Perspectiva, 1978.

5 Idem. Criado pelo decreto-lei datado de 1816, e que só começaria a funcionar em 1826.

uma visão de mundo. E é neste nível que ocorrem suas indagações e as tentativas de respostas. (OSTROWER, 1998 p. 4).

Para Barbosa (1978), no período em que se explorava o desenho como cópia, o ensino da arte na escola tinha um aspecto secundário, pois as faculdades de Direito formavam a elite dirigente do regime republicano e a arte preparava o aluno para os trabalhos manuais, sendo visto, por isso, como artesão.

Com a República foi reiterado o preconceito contra o ensino da arte, simbolizado pela Academia de Belas-Artes, pois esta estivera a serviço do adorno do Reinado e do Império, e com o dirigismo característico do espírito neoclássico de que estava impregnada, servira à conservação do poder. (BARBOSA, 1978 p. 16).

Barbosa (1987) menciona que, nesse período, preconceitos apareceram e acrescentaram-se a muitos outros contra o ensino da Arte iniciado no século XIX, os quais se originaram dos acontecimentos durante a criação da Academia Imperial de Belas Artes ou de outros elementos já assimilados pela nossa cultura, mas que a atuação da academia fez vir à tona.

Ferraz e Fusari (1993) acrescentam que as tendências pedagógicas na educação em arte para o período tiveram sua importância, pois a:

[...] criação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, em 1816, tiveram entre nós a instalação oficial do ensino artístico, seguindo os modelos similares europeus; nessa época, a maior parte das academias de arte na Europa procurava atender à demanda de preparação e habilidades técnicas e gráficas, consideradas fundamentais à expansão industrial. (FERRAZ e FUSARI, 1993 p. 29).

O preconceito estético também iria envolver o início do ensino artístico no Brasil. Conforme já mencionado, todos os membros da Missão Francesa eram de orientação neoclássica, o que marcou seus ensinamentos e suas atividades artísticas na Corte.

Martins (1998) menciona que, a partir dessa época, a arte era ensinada na escola com ênfase na linguagem do desenho; era um ensino autoritário,

[...] centrada na valorização do produto e na figura do professor como dono absoluto da verdade. Sua mesa ficava numa plataforma mais alta para marcar bem a “diferença”... Ensinava-se a copiar modelos – a classe toda apresentava o mesmo desenho – e o objetivo do professor era que os alunos tivessem boa coordenação motora, precisão, aprendessem técnicas, adquirissem hábitos de limpeza e ordem nos trabalhos. (MARTINS, 1998, p. 11).

Entre esses objetivos já citados, também o ensino do desenho dava ênfase ao futuro profissional, já que nessas técnicas estavam contemplados desenhos técnicos e geométricos que deveriam servir à ciência e à produção industrial, para produtos utilitários.

Ostrower define esse período neoclássico como inexpressivo e indiferente, sem estilo definido, e complementa:

As obras neoclássicas representam mais uma estilização do que propriamente um estilo autônomo. Embora se queiram ‘clássicas’, as formas de linguagem são apenas narrativas, limitando-se a ilustrar certos episódios, reais ou imaginários, que simbolizassem uma mensagem. (OSTROWER, 1998 p. 43)

Os modelos da Europa predominavam e as polêmicas aconteciam entre as pessoas, com em relação à Arte. As decorações públicas para as festas oficiais que começaram a ser feitas por mestres franceses estavam em contraste com as características ingênuas das decorações barroco-rococó difundidas na época. A Missão Francesa, aqui chegando, já encontrou uma arte distinta dos originários modelos portugueses e obras de arte de artistas humildes, com traços originais, que podemos designar de barroco brasileiro. Os artistas de origem popular, humildes, mestiços, em sua maioria eram vistos como simples artesãos e que só quebrariam a uniformidade do barroco de importação, jesuítico, apresentando contribuições renovadoras como realização de uma arte que já poderíamos considerar como arte brasileira (BARBOSA, 1978).

No ano de 1816, D. João VI criou o ensino artístico no Brasil, ao determinar a fundação, no Rio de Janeiro, de uma Escola de Ciências, Artes e Ofícios, conforme cita Barbosa (1978):

[...] nela se promova e difunda a instrução e conhecimento indispensável aos homens destinados não só aos empregos públicos de administração do Estado, mas também ao progresso da agricultura, mineralogia, indústria e comércio de que resulta a subsistência, comodidade e civilização dos povos,

ormente neste continente, cuja extensão não tendo ainda o devido e correspondente número de braços indispensáveis ao aproveitamento do terreno, precisa do socorro da estética para aproveitar os produtos cujo valor e preciosidade podem vir a formar o Brasil o mais rico e opulento dos reinos conhecidos (BARBOSA 1978, p.21).

A arte era apenas um acessório, um instrumento para a modernização de outros setores e não de uma atividade com importância em si mesma. Dessa forma, os artistas que vieram na Missão Francesa não desfrutavam a mesma categoria social atribuída ao escritor, ao poeta. O artista, para ser reconhecido, dependia das categorias profissionais estabelecidas pela classe dominante, que colocava os escritores em posição superior e acentuavam preconceitos contra as atividades manuais, com as quais as Artes Plásticas se identificavam pela natureza de seus instrumentos (BARBOSA, 1978).

Ferraz e Fusari (1993) enfatizam que, desde os primórdios da civilização, a arte tem sua importância pela função que ocupa na vida das pessoas e na sociedade.

O fundamental, portanto é entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem ao se conhecerem e ao conhecê-lo. (FERRAZ e FUSARI, 1993, p.16).

As educadoras Ferraz e Fusari consideram a arte como indispensável ao desenvolvimento da criatividade, pois, quando ensinamos, estamos educando e estimulando um olhar estético. Percebemos que o modelo colocado pelos jesuítas para a educação brasileira, desde a época do descobrimento até 1759, era um ensino que só valorizava o desenho; nesse período, havia necessidade dessa habilidade para registrar a flora e a fauna brasileiras, bem como as paisagens e os retratos da classe dominante. Para essa disciplina, buscou-se o desenhista Manoel Dias de Oliveira, “o brasiliense”, que introduziu o modelo vivo de observação no ensino do desenho no Brasil, prática que iria ser explorada pela Missão Francesa. De 1771 a 1799, foram criadas as cadeiras de Geometria; com isso desenvolveram-se as profissões técnicas e científicas; já no ano de 1818, foi necessário criar cursos de Desenho Técnico. A formação do artista era complementada com outras disciplinas teóricas (FERRAZ e FUSARI, 1993).

Por muitos anos, o ensino da arte continuou a ser moldado de acordo com métodos arcaicos, apesar de passar por diversas reformas, tendo sido influenciado também pelo

desenvolvimento da indústria e dos processos da ciência. Mas havia uma preocupação que era tornar a arte ensino obrigatório nas escolas.

Para Barbosa (1978), as mudanças no ensino da arte trariam benefícios para os educandos, pois os métodos adotados por educadores, que inovaram frente aos olhares para a natureza já havia proporcionado benefícios. Reduziram-se os ornatos e enfatizaram-se os exercícios de geometrização, ficando para o ensino primário o mero estágio preparatório para o estudo dos ornatos.

O desenho frente à natureza fora introduzido entre nós por Georg Grimm, pintor alemão que chegou ao Brasil em 1874, tendo ensinado por dois anos (1882-1884) na Academia Imperial de Belas-Artes, onde passou a trabalhar ao ar livre com seus alunos, provocando radical mudança de método (BARBOSA, 1978, p. 61).

Barbosa (1978) diz que, no ensino secundário, dava-se ênfase ao estudo de baixo relevo, em que predominava a “linha reta e folhas estilizadas”, dando sequência a “modelos de curvas e linhas caprichosas”, “relevos” e, por último, “altos relevos de figuras e animais”. Esses exercícios eram preparatórios para fazer cópias de estátuas e outros procedimentos necessários à introdução da “Arte Maior” (estudo da gravura), da “Arte Pura”, da “Arte Nobre”, praticadas na Escola de Belas-Artes. Acreditava-se que, através de diversos exercícios de cópia dos ornatos, poder-se-ia desenvolver a capacidade imaginativa do aluno e prepará-lo para o Curso Superior de Belas-Artes, no qual se praticava a Arte Pura. Recomendava-se o estudo de capitéis de todas as épocas e estilos, assim como cópias de vasos incas e astecas e dos ornatos de Aleijadinho. Na parte teórica, o professor ensinava a história cultural e artística da época, o que representava e qual seu lugar na arquitetura (BARBOSA, 1978, p. 88).

Na escola primária, acelerou-se o estudo da Geometria como reforço para a preparação para o exame de admissão ao ginásio e não por suas aplicações ao trabalho nas indústrias. Segundo o Parecer nº 1 da Comissão de Liceus e Ginásios, aprovado na sessão de 16 de fevereiro de 1916, nos exames exigiam-se não provas de Desenho, mas de Geometria prática, que constava de: 1. Linha reta, quebrada, curva etc. 2. Triângulo, quadriláteros, pentágonos etc. 3. Retas, paralelas, perpendiculares, oblíquas. 4. Triângulo isóscele, equilátero, retângulo. 5. Ângulo, lado de um ângulo, vértice, bissetriz de ângulo. 6. Quadrilátero, paralelogramo etc. 7. Circunferência, círculo, uso do compasso, centro, raio, diâmetro etc. 8. Cubo, as faces do cubo, vértice etc. 9. Cone, cilindro, esfera (BARBOSA, 1978, p.92).

Barbosa (1978) aponta Theodoro Braga como defensor de um programa baseado nas aplicações do desenho à indústria, com os seguintes conteúdos: primeiro e segundo anos -

desenho de imaginação, reproduzindo objetos que conheçam bem; terceiro ano - desenho de observação, tendo como modelo objetos de uso, decoração com motivos de imaginação; quarto ano - instrumentos para construir ornatos geométricos e desenho a mão livre de objetos mais complexos; quinto ano - desenhos geométricos a mão livre e armada, composição decorativa, ornamentação do prisma e da rosácea, desenho geométrico com instrumentos. O professor Aníbal de Matos defendia o ensino do desenho por valores estéticos. Seu programa incluía Desenho de memória e natural, a lápis e a cores. (BARBOSA, 1978, p.93).

Esse programa representou a submissão ao modelo de ensino de Desenho proposto pela Lei de 1901, válida contribuição naquele tempo, mas ultrapassada para vinte anos depois. Numa conferência de 1921, primeiro encontro nacional importante, destacou-se a atuação da Escola de Piracicaba (São Paulo), que considerava: “Fora do desenho natural, não há desenho”, significando que, na prática pedagógica, a orientação do desenho estava sendo uma metodologia especial como exercício visual e motor. Com isso, começava uma preocupação com as relações entre o desenho da criança e a psicologia (BARBOSA, 1978, p. 95).

O Desenho Geométrico, no ensino secundário, continuou pelos menos até 1925; no nível primário, receberia uma visão renovadora que partiu dos novos modos de entender a pedagogia como “psicologia em ação”. Essa nova abordagem foi divulgada pela Escola Normal de São Paulo que, a partir de 1914, criou o Gabinete de Psicologia Científica e o Gabinete de Psicologia Pedagógica, para serem feitas pesquisas sobre psicologia experimental aplicada à educação (BARBOSA, 1978, p. 96).

Ferraz e Fusari (1993), referindo-se a novos métodos de ensino, citam a pedagogia como uma perspectiva nova para o ensino da arte.

A “Pedagogia Nova”, também conhecida por um Movimento da Escola Nova, tem suas origens na Europa e estados Unidos (século XIX), sendo que no Brasil vai surgir a partir do ano 1930 e ser disseminada a partir dos anos 50/60 com as escolas experimentais. Sua ênfase é a *expressão*, como um dado subjetivo e individual em todas as atividades, que passam dos aspectos intelectuais para os afetivos. (FERRAZ e FUSARI, 1993, p.31).

A autora cita alguns professores de arte que se destacaram no século XX no Brasil, firmando a tendência da acima citada “Pedagogia Nova”, dentre eles: John Dewey, Viktor Lowenfeld e Herbert Read. Read publicou o livro “Educação pela arte”, que muito contribuiu para a formação de um dos movimentos mais significativos do ensino artístico. Augusto Rodrigues estava à frente da criação de uma “Escolinha de Artes”, no Rio de Janeiro (1943).

Essa escola tinha como meta a “Educação Através da Arte” (FERRAZ e FUSARI, 1993, p. 31).

Tiveram início no Brasil as investigações sobre o grafismo infantil como meio de processo lógico-mental. Para os positivistas, o desenho era visto como desenvolvimento de raciocínio, não como meio de expressão, mas como padrões considerados belos ou estéticos e o modo de reduzir as formas à ciência e à geometria. O modo como via o desenho era como elementos informativos de natureza psicológica, fornecendo dados “sobre o estado de cultura, o valor, a extensão do patrimônio ideativo da criança” (BARBOSA, 1978, p.103).

Barbosa (1978) destaca os estudos de Adalgiso Pereira, em seu trabalho pioneiro no Brasil, que partiu da investigação de como se dá o processo mental da representação figurada do objeto pela criança. Acreditava que a criança deveria possuir, no centro da memória visual, essa imagem, a memória cinética, a imagem dos movimentos necessários para expressar o objeto e possuir coordenação entre os centros da memória cinética e os centros grafo-motores “executores materiais das ordens cerebrais”. Procurou demonstrar a importância pedagógica do desenho para que o professor pudesse descobrir alguma lacuna na cultura da criança que, de outra maneira, não descobriria (BARBOSA 1978, p. 103).

Sobre essas pesquisas, Barbosa (1978) conclui que,

[...] com a aproximação do Desenho com a psicologia no Brasil, resultou principalmente na configuração de uma atitude de respeito para com o grafismo da criança, na ideia do desenho infantil como um produto interno refletindo a organização mental da criança, a estruturação de seus diversos aspectos e seu desenvolvimento. A valoração da arte infantil como produto estético, ligado a seu espontaneísmo, somente teve lugar com a introdução da cultura brasileira às artes expressionistas, futurista e dadaísta da arte contemporânea, através da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo (BARBOSA, 1978, p. 111-112).

Entre os modernistas que influenciaram a arte infantil, Barbosa (1978) cita Anita Malfatti e Mário de Andrade, além da introdução de novos métodos de ensino da arte baseados no “deixar fazer”, que explorava e valorizava a expressão e a espontaneidade da criança. Anita Malfatti inovou o ensino da arte, considerando o professor como espectador da obra de arte da criança, ao qual competia, antes de tudo, preservar sua ingênua e autêntica expressão. Depois da Semana de Arte Moderna, começou-se a valorizar o desenho como

técnica e exaltação dos elementos internos expressivos como constituintes da própria forma. Lourenço Filho, Alice Meirelles e Zuleika Ferreira foram os divulgadores dessas novas propostas, lutando por implementar as ideias do trabalho como formação de personalidade, baseados no princípio de Decroly, que inovara a educação técnica. Estava-se preparando um novo caminho, por influência da Escola de Bauhaus⁶, na Alemanha, com o desdobramento dialético do desenho como arte e o desenho como técnica, entre a expressão do eu e a expressão dos materiais (BARBOSA, 1978 p. 115).

Entre os anos 1927 e 1935, Barbosa (2002) cita algumas mudanças que ocorreram no ensino da Arte e na Educação no período da “modernidade”, que foi repercussão da Semana de Arte Moderna na Educação Artística, através de artigos e atividades sob a direção de Mario de Andrade, que conduziu investigações sobre a arte da criança no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Também houve cursos dirigidos por Anita Malfatti, seguindo métodos de Homer Boss, estudos que realizara quando esteve fora do Brasil. Alguns educadores influenciaram o ensino da arte nessa época, como John Dewey; o equilíbrio de forças entre a abordagem nacionalista do ensino da arte centrado em conteúdos (Theodoro Braga) e a ideia da universalidade da linguagem infantil (Nereu Sampaio), além de algumas inovações feitas por Lúcio Costa na Escola Nacional de Belas-Artes. Nesse período, a educação era vista como um despertar da consciência nacional. O movimento da Escola Nova realizou reformas educacionais; havia também preocupação com a necessidade de se adaptarem modelos estrangeiros (Dewey, Decroly, Claparède) à realidade educacional brasileira. Foi um período de reformas educacionais em muitos estados brasileiros.

De 1935 a 1948, vinham ocorrendo as primeiras tentativas de se estudar a arte da criança na universidade, como o curso de Mário de Andrade na Universidade do Distrito Federal. Nas escolas elementares e secundárias, houve uma diluição dos métodos propostos pelo Movimento da Escola Nova. Percebeu-se, através de poucos artigos publicados em jornais diários e nos jornais de educação, que o ensino da arte estava sendo pouco valorizado e sendo implementados os modelos estereotipados nas salas de aula (BARBOSA, 2002).

Já nos períodos de 1948 a 1958 valorizou-se a arte como livre expressão e a aceitação da arte na educação com atividades extracurriculares e até extraescolares; criaram-se as

⁶ Escola de arquitetura e de artes aplicadas que se tornou o grande centro de prática do designer moderno da Alemanha dos anos 1920, desempenhando um papel fundamental no estabelecimento dos padrões de relação entre design e as técnicas de produção industrial. A Bauhaus constituiu-se em 1919 pela fusão da antiga Academia de Belas-Artes e da Escola de Artes e Ofícios de Weimer (Kunstgewerbe) sob a direção de Walter Gropius.

escolinhas de arte, por influência de Herbert Read e Viktor Lowenfeld. Os estudos da Escola de Bauhaus foram adaptados à escola secundária através de desenhos de Lúcio Costa. Para a educação, o período era de redemocratização. O sistema multipartidário levou à competição política e a uma vida social revitalizadora. Alguns princípios foram recuperados do Movimento da Escola Nova; a educação, nessa etapa, foi dominada por preocupações e interesses políticos e não por preocupações científicas, o que caracterizara a fase anterior da Escola Nova. Pensando na educação profissional, foram criados o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio), o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e o Sesi (Serviço Social da Indústria).

Para o ensino da Arte na escola, nos períodos de 1958 a 1963, a organização de classes experimentais foi sancionada por lei federal, o que permitiu o desenvolvimento de uma atitude voltada para a experimentação em arte nas escolas comuns. Sob a influência das concepções de educação de Paulo Freire, os currículos estavam sendo descentralizados. Para a educação em geral, esse foi um período de afirmação de um modelo nacional, com alguma presença do desenvolvimento das concepções e métodos de Paulo Freire. Foi edificada a Universidade de Brasília e foi decretada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Essa cronologia é importante para compreender o desenvolvimento histórico da arte no Brasil. No período entre 1958 e 1963, a educação deu um passo decisivo em direção a sua emancipação. Porém, a incapacidade do governo de superar as desigualdades e distorções estruturais ocasionou uma ampla campanha voltada para as reformas de base, entre 1961-64; foi um período de politização intensa, mobilização de estudantes, união de trabalhadores e ligas camponesas e a cultura e a educação brasileiras atingiram alto grau de autoidentificação (Barbosa, 2002).

Uma temporária abertura política e econômica possibilitou uma renovação cultural que alcançou todos os campos da arte. Movimentos de valorização da cultura popular afloraram no Brasil; surgiu o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB. Na literatura, o movimento concretista de 1957 recebeu reconhecimento internacional; a obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*, estabelece novos parâmetros para o romance brasileiro. O cinema novo apresenta uma visão crítica da realidade brasileira. Na música, a bossa nova traz uma nova reorientação de estilo. No teatro, estava ocorrendo, nesse período, a possibilidade de a massa assistir peças por preços acessíveis. Na arquitetura, o estilo barroco, através dos trabalhos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, reencontra suas antigas raízes, possibilitando adaptações na construção de Brasília.

No ano de 1961, a educação participa dessas mudanças sociais e culturais, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Foram significativas algumas experiências e mudanças realizadas com arte-educação em escolas públicas e particulares. A arte-educação ocupou um lugar importante na Universidade de Brasília, que contratou especialistas (arte-educadores, arquitetos, psicólogos, artistas, educadores, químicos etc.) para a realização de pesquisas e estudos sobre a educação através da arte, refletindo uma abordagem fiel à ideia de “educação através da arte”. As ideias de Paulo Freire foram o instrumento educacional mais poderoso para a “intervenção crítica na realidade”, consolidada pela libertação através da “conscientização”, constituindo uma conquista significativa para a educação. Foi considerado o único modelo educacional realmente brasileiro.

Em 1964, o Brasil foi submetido a uma ditadura militar; a reforma educacional de 1971 determinou que a arte deveria ser uma disciplina obrigatória no currículo de educação de primeiro grau (7 a 14 anos) e no currículo de alguns programas de segundo grau. Essa decisão foi amplamente festejada por arte-educadores no Brasil. Contudo, a institucionalização pelo governo de um curso de “licenciatura curta” para formação de professores em arte estava produzindo professores sem plena formação e conhecimento necessário para o ensino da arte na escola, pois a Lei 5692/1971 impôs obrigatoriedade de o professor ensinar artes visuais, música e teatro a alunos da primeira à oitava série e até mesmo a alunos de segundo grau. Esse método foi chamado de polivalência, mostrando uma versão incorreta do princípio de interdisciplinaridade, ou artes relacionadas, muito popular nas escolas americanas.

Foi oferecido aos alunos um curso para formação de professores em arte, de duração de dois anos, em “Licenciatura Plena em Educação Artística”, com o objetivo de conferir estudos especializados em Artes Visuais, Música e Teatro, o qual poderia ser feito depois da “Licenciatura Curta em Educação Artística”. O ensino superior em Artes possibilitaria conhecimentos da arte do passado e do presente, bem como a influência do artista na história, por seu registro e pela criação de novas possibilidades artísticas.

Para que o ensino da arte nas escolas fosse um ensino que despertasse no aluno o interesse por outras culturas, fez-se necessário conhecer a arte do passado e as vivências do artista e seu registro nas obras de arte. Duarte (1988, p. 68) enfatiza:

Através da arte somos ainda levados a conhecer aquilo que não temos oportunidade de experiência em nossa vida cotidiana. E isto é básico para que se possa compreender as experiências vividas por outros homens. Quando no cinema, sinto as emoções do alpinista, quando no teatro, sinto o drama do preso político, quando frente às telas de Portinari, sinto a tragédia

dos retirantes, descubro meus sentimentos frente a situações (ainda) não vividas em meu dia-a-dia. Assim a arte pode possibilitar o acesso dos sentimentos, forjando em nós as bases para que se possa compreendê-las.

As diferentes mudanças que ocorreram no ensino da arte nas escolas e nos cursos superiores de Arte deram-se pelas transformações dos movimentos culturais que influenciaram o futuro da arte na escola. Algumas mudanças ocorreram, como a discussão e a luta pela obrigatoriedade de Arte na escola e a redação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, após a Constituição Brasileira de 1988⁷. Também os cursos de pós-graduação vieram para uma retomada das investigações e experiências pedagógicas. As novas concepções estéticas e tendências da arte contemporânea modificaram os horizontes artísticos e a docência em artes. Os debates que aconteceram nos anos 1980, sobre conceitos e metodologias do ensino da arte, tanto nacionais como internacionais, permitiram uma visão global sobre as novas tendências do ensino da arte mundial.

As preocupações com o ensino da arte na escola sempre movimentaram pesquisadores, professores e artistas a pensar em novas propostas pedagógicas que auxiliassem o professor em sala de aula. Com a criação da Academia Imperial de Belas-Artes no Rio de Janeiro, em 1816, houve a implantação do ensino oficial artístico, seguindo os modelos europeus, visando habilidades técnicas e gráficas consideradas fundamentais para a expansão industrial. Na pedagogia tradicional, no início da década de século XX, o ensino da arte tinha como prioridade as técnicas do desenho para preparação para o trabalho. Além do desenho, também passaram a fazer parte do currículo escolar as matérias relacionadas à Música, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais. Com a Pedagogia Nova, a partir dos anos 1950/60, a ênfase era na “livre expressão”. A preocupação com o método e com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo de trabalho caracterizaram uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada na psicologia e na biologia, como um dado subjetivo e individual

7 A redação final do projeto de lei nº 1258-c de 1988, “que fixa diretrizes e bases da educação nacional” (publicada no Diário Oficial de 14/05/93, em Brasília- DF) traz em seu capítulo VII, “Da Educação Básica” (Educação infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio), a inclusão do ensino de arte no currículo:

Art.33 O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica para desenvolver criatividade, a percepção e a sensibilidade estética respeitada às especificidades de cada linguagem artística, pela habilitação em cada uma das áreas, sem prejuízo da integração das artes com as demais disciplinas.

§ 1º Terão tratamento especial à preservação do patrimônio cultural nacional e regional, em como as diferentes formas de manifestações artístico-culturais típicas no Brasil.

§ 2º Entende-se por ensino da arte os componentes curriculares pertinentes às artes musicais, plásticas cênicas, desenho e demais formas de manifestações artísticas.

em todas as atividades. Na Pedagogia Tecnícista, nos anos 1960/70, o aluno e o professor ocupavam uma posição secundária, pois o elemento principal era o sistema técnico de organização da aula e do curso, além do uso abundante de recursos tecnológicos e audiovisuais, sugerindo uma “modernização” do ensino. Com a ausência de bases teóricas mais fundamentadas, muitos valorizaram propostas e atividades dos livros didáticos que, nos anos 1970/80, estiveram em pleno auge no mercado (FERRAZ e FUSARI, 1993, p. 30-31).

Nos anos 1990, surgiu, por sua abrangência cultural, um método teórico-metodológico conhecido por “Metodologia Triangular”. Essa proposta, difundida e orientada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, interferiu nítida e qualitativamente no processo e melhoria do ensino da arte, tendo por base um trabalho pedagógico integrador de três facetas do conhecimento em arte: o “fazer artístico”, a “análise de obras de arte”, e a “história da arte”. Esse trabalho foi sendo estudado e pesquisado, desde os anos 1990, em São Paulo, no Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC – USP) e, no sul do país, pela Fundação Iochpe e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), dentre outras instituições de ensino. Os fundamentos dessa proposta, baseados no projeto D. B. A. E. (*Discipline Based Art Education*), incentivado pela *Getty Foundation*, vêm sendo desenvolvidos nos Estados Unidos desde o final dos anos 1980. Esse projeto propõe que os alunos conheçam melhor a arte através da articulação de quatro momentos educativos: “fazer artístico”, “história da arte”, “estética” e “crítica da arte”. Sobre o ensino da arte na escola, as arte-educadoras Ferraz e Fusari (1993, p. 35-36) afirmam:

Acreditamos que a consciência e a interferência sobre o processo educativo (e, neste caso, mais especificamente, de arte) é fundamental para o professor, para os alunos de Magistério, enfim, para todos que estão envolvidos com um educação que se pretende transformadora. A consciência histórica e a reflexão crítica sobre os conceitos, as ideias e as ações educativas de nossa época possibilitam nossa contribuição efetiva na construção de práticas e teorias de educação escolar em arte que atendam às implicações individuais e sociais dos alunos, às suas necessidades e interesses, e, ao mesmo tempo, proporcionem o domínio de conhecimentos básicos da arte.

O trabalho direcionado ao ensino da arte na escola exige um empenho competente e profissional do professor e é preciso saber Arte e saber ser professor de Arte.

Duarte (1988, p. 134) argumenta que “é necessário que a arte seja empregada no sentido de permitir ao educando uma *elaboração de suas vivências*, e não a produção de objetos *belos*”. O autor diz que as normas de beleza, nesse caso, podem facilmente significar a

imposição de valores, induzindo à imposição e ao consumo de Kitsch como arte, e isso impede as pessoas de se perceberem diante do mundo.

Ferraz e Fusari (1993) mencionam que, para as práticas educativas, havia necessidade das competências do professor tanto teóricas como nas práticas artísticas.

O compromisso com tal projeto educativo exige um competente trabalho docente. No caso da ação educativa em arte com crianças, o professor terá de entrelaçar a sua prática-teórica artística e estética a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese, é preciso saber arte e saber ser professor de arte junto a crianças (FERRAZ e FUSARI, 1993, p. 36).

Hoje, o professor de Arte precisa estar sempre atualizado, pois tanto a Arte como o ensino da arte nas escolas estão em constante mudança.

MOMENTO 3

ANTECEDENTES SOBRE JOINVILLE, A UNIVILLE E O CURSO DE ARTES VISUAIS: HISTÓRIA E ATUALIDADE

“Percorremos com uma varinha mágica a arte do passado e do presente. Mostramos apenas aquela arte que se mantém imune aos constrangimentos da convenção. O nosso devotado amor foi estendido a toda expressão artística que nasce de si mesmo, vive por seus próprios méritos e não caminha apoiada às muletas do costume. Sempre que vimos uma fenda na crosta da convenção para ela chamamos atenção, porque esperamos encontrar uma força subjacente que um dia virá à luz”. Marc e Kandinski (1912 *apud* prefácio à 2ª edição do Blaue Reiter Almanac, 2006.)

A fim de compreendermos a Arte e Formação Profissional no Curso de Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville – objeto de estudo desta tese, faz-se necessário conhecer alguns aspectos da história de Joinville, a relação da Univille com o movimento artístico e cultural materializando-se na criação do Curso de Artes desta Instituição. Nossa construção parte dos indícios do processo de colonização e imigração no Brasil, no século XIX, porém com um recorte para o Município de Joinville, com centralidade nas questões culturais e artísticas, haja vista nossos objetivos de pesquisa estarem voltados para o Curso de Artes.

Conhecer a história é compreender e entender o presente. Os registros, os acontecimentos, os costumes e as tradições lidas pelo viés da história como processo nos fazem refletir sobre como nossos antecedentes viveram e, sobretudo, nos impulsionam para tomarmos decisões sobre o que poderemos construir a partir desses legados. O ser humano é o resultado das experiências construídas, portanto “é um herdeiro desse longo processo acumulativo que reflete conhecimento e contradição adquiridos pelas inúmeras gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções” (LARAYA, 2004, p.45).

A história de um lugar, de uma comunidade, de uma cidade é contada e recontada pelos lugares, pelas ruas, pelas praças, imóveis, esculturas, cemitérios, imagens, memórias e, principalmente, pelas suas raízes culturais e históricas, presentes na vida das pessoas que nele vivem e habitam ou que nele viveram ou habitaram. Considerando *essas* questões como fundamentais para a compreensão de nossa pesquisa, ancoramo-nos em Halbwachs ao ressaltar que:

Se entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes, houvesse apenas uma relação inteiramente acidental e efêmera, os homens poderiam destruir e reconstruir suas casas, seus quarteirões, sua cidade, construir e reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente, mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações estabelecidas entre as pedras e os homens. (HALBWACHS, 1990, p.20).

Os grupos humanos produzem imaterial ou materialmente o seu espaço, intervindo na natureza, destruindo e construindo, dando ordens ou desordenando, algumas vezes incompatíveis com o senso da vida e da cultura. Arrisca-se a ter cidades e lugares sem rostos e povos sem passados. Com isso ameaça-se não só o patrimônio produzido ao longo dos anos, mas a própria convivência, sociabilidade e qualidade de vida dos moradores. Desse modo, pesquisar e compartilhar o conhecimento são formas de registrar e tomar posição em relação ao movimento que a nossa humanidade histórica produz⁸. Nesse sentido, vale recorrermos *às* provocações de Carlo Ginsburg sobre nossa eterna busca por indícios de cultura:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. Gerações e gerações de caçadores enriqueceram e transmitiram esse patrimônio cognoscitivo. Na falta de uma documentação verbal para se pôr ao lado das pinturas rupestres e dos artefatos, podemos recorrer às narrativas de fábulas, que do saber daqueles remotos caçadores transmitem-nos às vezes um eco, mesmo que tardio e deformado. (GINSBURG, 1991, p. 143).

⁸ Na Grécia antiga, encontra-se inicialmente uma nítida diferenciação, à semelhança do que ocorre na Índia entre a noção de memória, a *mneme*, e a noção de recordação, a *anamnesis*. No primitivo simbolismo grego, a recordação é caracterizada como instrumento de aproximação com o passado – unido ao presente e preservando na memória – necessário aos homens mortais que não possuem mais a vivência verdadeira da memória. (BRITO, 1998, p. 8).

3.1 Sobre Joinville – um olhar

Os municípios catarinenses, fundados – aparentemente – sob os mesmos parâmetros históricos e cronológicos, além de uma proximidade geográfica, são possuidores de visões de mundo distintas. Um olhar eletrônico, a grande altitude, decodificaria ao espírito humano um momento de êxtase. A paisagem é idílica, recortada por diferentes bacias hidrográficas que deságuam na baía da Babitonga e de Guaratuba, em silenciosa submissão ao relevo catarinense. Uma primeira leitura de qualquer trabalho historiográfico de Joinville: a visita a Museus ou mesmo publicações periódicas de empresas, artigos jornalísticos e editoriais, formará uma noção que entendemos distorcida da realidade objetiva e subjetiva desta região. Poderá pensar o leitor ou o visitante tratar-se de um povo, cujos estágios econômico, cultural e político diferem desproporcionalmente com relação a outras partes do país. Esse discurso é reafirmado, por sua vez, pela ideologia do mito colonizador. Os manuais didáticos, as escolas, os museus ainda reforçam esse discurso de imigração, de modo linear, nostálgico, dizendo que tudo teve início a partir do final do século XVIII.

Para uma compreensão processual do contexto regional, destacamos alguns elementos históricos e culturais que consideramos relevantes para a nossa pesquisa. Em um primeiro momento, observamos que a vida política e social do atual município de Joinville/SC, passa a ter um *corpus* a partir de 1852, quando se inicia o processo de colonização e imigração nesta região, com a vinda de imigrantes da Europa, especialmente das regiões da Alemanha e da Suíça (Países atuais).

Assim, o que constatamos nas diferentes fontes estudadas é que o primeiro momento da fase oficial da história do município inicia-se com a chegada dos Imigrantes. Por um lado, esse quadro imigratório revela, em parte, as intenções do governo imperial brasileiro em redefinir a política de povoamento em vigência no início do Século XIX. Por outro lado, não se pode compreender a marcha abolicionista desencadeada no século XIX, cuja protagonista fora a Inglaterra, sem as devidas correlações capitalistas. Isso implica dizer que a demanda por novos mercados, o movimento imigratório, enfim, as transformações que se estavam processando no “velho mundo” desencadearam a substituição do trabalho servil nas antigas colônias ainda em regime escravocrata. Cabe destacar, a título de reflexão, que o processo de

imigração e colonização no Brasil aconteceu sob perspectivas econômicas⁹ e políticas diversas e com desdobramentos territoriais contraditórios, considerando que, no país, habitavam povos e culturas seculares¹⁰, como as muitas etnias, os africanos e descendentes entre outros.

Nosso estudo, como visto, não caminha por essa temática, mas em função do contexto sócio-cultural da cidade de Joinville, vale esse olhar. Para Tamanini (2000), “este período requer estudos cuidadosos, todavia ressalta que: Este processo foi organizado pelo império brasileiro nas relações com as Políticas econômicas internacionais”. “A primeira iniciativa dos recém-chegados manifestou-se na aquisição de lotes e terrenos já plantados e com casas construídas”. A segunda consequência da introdução de inteligência de capital na nova colônia até essa data puramente colonial foi a lógica da transformação do colono independente em empregado pago pelo capitalista. “O núcleo colonial “Schroedersort” avançou, em seu primeiro passo, para a futura cidade, com a instalação de vendas, empórios, lojas, e o estabelecimento dos ofícios como seleiros, padeiros, ferreiros e tantos outros, para atender às necessidades dos moradores do vilarejo” (Ficker, 1965, p.103).

A ocupação desta região deu-se com acordos entre companhias privadas de colonização estrangeiras e o Governo Brasileiro. Conforme citação acima, de Ficker, a ocupação teria acontecido de forma muito organizada e cumprindo os acordos feitos da viagem para a “terra prometida, o paraíso” que os novos habitantes encontrariam. Segundo a *Historiografia Regional crítica*, os imigrantes chegaram com sonhos e desejos de transformar esta “nova terra” em um mundo melhor, porém tiveram muitas dificuldades e conflitos de toda a ordem. Enfrentaram a adaptação ao clima, ao espaço territorial, a inexistência de Escolas e Igrejas, especialmente a de confissão luterana, pois grande parte das pessoas que chegaram nesse processo imigratório eram das regiões do “velho mundo”, onde predominava

⁹ As novas conveniências do capital têm suas origens na crise de superprodução e desemprego que afetam as sociedades europeias, a partir de meados do século XIX. Essa crise, sem precedentes na história da humanidade, fez emergir a luta operária, rompendo com a unidade nacional, e desencadeou uma disputa acirrada entre nações por novos mercados, rompendo com a paz mundial. Como o excedente de riqueza e miséria daqueles países tinha necessidade de ser escoado, o novo mundo parecia ser o melhor destino. Schelbauer (1998, p.16).

¹⁰ Cabem destacar que o município de Joinville é referência territorial no Brasil em sítios arqueológicos especialmente os de tipologia Sambaqui – restos de artefatos, flora, fauna e esqueletos humanos resultantes do habitat destas populações pescadoras que viveram na região mais de 5000 mil anos (A.C) neste ambiente. Temática, ainda distante das reflexões educacionais e culturais. Segundo estudos recentes da Arqueologia, no período da chegada dos imigrantes europeus (entre 1700 a 1852) havia outros grupos étnicos vivendo nesta região. Todavia desconsiderados pelo Estado; haja vista que o Projeto de Trazer estrangeiros para o Brasil (1800 em diante) fazia parte dos ideários racistas juntamente com o problema da abolição da escravidão, sobretudo a substituição da mão de obra escrava e a ocupação dos territórios ditos “vazios”. Assim as mais de 500 etnias presentes em território brasileiro não eram consideradas enquanto categoria social e nessa região não foi diferente.

a prática religiosa evangélica luterana¹¹.

Após os primeiros tempos na Colônia, em fazendas ou em hospedarias, os imigrantes já perceberam que a volta ficava cada vez mais difícil e distante e fora do alcance da grande parte dos imigrados. Realmente tinham dito “*addio e non arrivederti*”. Com o tempo, as picadas transformaram-se em estradas e, nos cruzamentos das linhas coloniais, surgiram pequenos povoados, onde foram construídas capelas e pequenas casas de comércio. Na visão de muitos estudiosos, um dos aspectos que mais contribuiu para o desenvolvimento interno da Colônia Dona Francisca, primeiro nome dado ao município, foi a agricultura e o comércio. A vila, onde geralmente se situava o centro administrativo, paulatinamente se transformou em centro da “cidade” e foi no decorrer de todo o processo de colonização, o principal núcleo da vida social, política, econômica e religiosa dos habitantes.

A construção social e cultural, aos poucos, também foi se distinguindo dos demais processos de imigração no Brasil. Os grupos daqui, de um mundo geral, diferenciavam-se dos demais grupos, especialmente pelo isolamento cultural, comportamento endogâmico, unidade linguística e concentração regional. Além disso, o fato de se terem formado verdadeiros “quistos étnicos¹²”, no interior dessas colônias, favorecia sobremaneira o estabelecimento de laços econômicos, culturais e políticos com a Alemanha.

Tal isolamento sócio-cultural, na maior parte, foi provocado pela ausência do Estado brasileiro em fomentar políticas públicas, deixando as regiões de colonização completamente abandonadas. Costa (2005) relata que, em 1856, novas escolas haviam sido construídas e o Estado assumiu a responsabilidade em contratar e pagar dois professores para a Colônia Dona Francisca e que havia no centro da vila uma escola particular só para meninas e outra para meninos. As crianças participavam dos trabalhos domésticos e o mau tempo também contribuía para que houvesse pouca frequência nas escolas.

Por sua vez, a Colônia tomou para si a tarefa de construir estradas, hospitais, igrejas, agremiações culturais e criar escolas. A escola era comunitária, cada família contribuía com uma taxa mensal estipulada em assembleia, para pagar o professor, que, geralmente, era pastor luterano. Os professores escolhidos para o cargo tinham alguma formação, mas a função básica era integrar a comunidade local. “O prestígio de ser professor se dava mais nas funções que ele exercia fora da sala de aula, como dirigir o coro da igreja, organizar

¹¹ Joinville/SC é uma das maiores comunidades Evangélicas luteranas do mundo. Uma parcela de 40% da população segue as ideias de Martinho Lutero, além de outras religiões congêneres.

¹² SEYFERTH, G. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: FCC, 1981.

atividades festivas; muitas vezes, por ter responsabilidade no seu meio, era chamado a arbitrar como juiz ou, até mesmo, servir como médico em situações muito inusitadas” (Costa, 2005, p.29). No ano de 1878, havia aproximadamente 1200 crianças em Joinville, mas apenas a metade frequentava a escola; supõe-se que essa situação devia-se ao fato de a maioria das escolas perderem a subvenção do governo imperial. Nesse contexto, o protestantismo surge com maior força, colocando que o fiel teria que ser instruído para a leitura e compreensão da Bíblia. A Escola Padre Carlos, no início particular, atendendo aos filhos de protestantes, atendeu ao pedido da comunidade carente e passou a ser a primeira escola pública de Joinville.

A escola do Padre Carlos foi remanejada de lugar várias vezes e a comunidade exigiu um local definitivo para o seu funcionamento. Foi criada uma comissão pela direção da colônia e, com a ajuda das comunidades carentes, em 1880, a meta foi alcançada. No ano de 1911, essa escola passou a ter caráter estadual, sob a denominação de Grupo Escolar Conselheiro Mafra. (Costa 2005, p.34). A partir de 1940, o Estado passou a inspecionar a escola e foi permitido dar apenas uma hora de aula em alemão, por semana.

Até a Segunda Guerra Mundial, as mudanças observadas aos olhares estrangeiros pareceram ser intactas. As mudanças ocorreram no interior das próprias relações da cultura “teuta”. Entretanto, a ruptura com as referências europeias aconteceu de modo contundente a partir do período do pós-guerra, momento em que foram rigorosamente interditas as práticas sociais relacionadas à identidade da imigração, incluindo a Escola. Nesse período, acontecendo uma transformação do processo de Colônia agrícola “Dona Francisca” para a Joinville com características urbano-industriais. Em meio a mudanças estruturais significativas, do ponto de vista da produção capitalista, o município foi se firmando no contexto nacional e internacional como importante polo de desenvolvimento econômico. Criaram-se fábricas e indústrias, fecharam-se Escolas comunitárias de origem teuto-brasileiras e abriram-se as “públicas” fruto da política de “nacionalização do Brasil¹³”. Houve a necessidade enorme de investir em educação, saúde e habitação para a população mais carente, pois os tempos estavam mudando e o cenário mostrava que, sem uma organização

13 Segundo Tamanini (2000, p.38) Tal investimento promoveria á médio prazo, o “embranquecimento” 13 da população brasileira, através do processo de miscigenação e da extinção natural do elemento negro no país, em decorrência da proibição do tráfico¹³. Para alguns estudiosos estrangeiros e intelectuais da elite brasileira, a inferioridade econômica do Brasil estava também posta em virtude das características da população. Por outra parte, a “raça branca” considerada “superior”, “os mais aptos”, predominaria a contento, elevando por si só, o Brasil ao conceito de “nação civilizada”. Até a Abolição, “o negro não existia enquanto cidadão, sua existência no campo literário é tal que um autor pouco progressista com o Sylvio Romero chega inclusive a denunciar esse descaso, que tinha consequências nefastas para as Ciências Sociais”.

melhor de infraestrutura, a cidade não caminhava para um desenvolvimento econômico e cultural a contento do que se preconizava na esfera do país. Apoio às demandas do modelo urbano-industrial e o viés que fortalecia essa imagem passava pela implementação da educação como estratégia do crescimento da nação brasileira.

Nas décadas de sessenta e setenta do século XX, houve um incremento em centros de tecnologias, criação de Escolas e Instituições Educacionais de Ensino Superior privadas, bem como museus e espaços de memória. A industrialização passou a ser o fator determinante no desenvolvimento econômico do município, triplicando a população de 100 mil para 300 mil habitantes aproximadamente. Esse excessivo contingente populacional é proveniente especialmente de migrações regionais internas do estado de SC e dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. São essencialmente agricultores que esvaziam o campo e operários que vêm em busca de melhores condições de vida, influenciados especialmente pelas propagandas veiculadas nessas regiões: Joinville, a “Manchester Catarinense”, período também da ditadura militar e da apregoada ideologia do “milagre brasileiro”. Mais uma vez, o deslocamento das populações de seus lugares, de seus territórios, modificou seus modos de vida, constitutivos de identidades locais e regionais.

Entre as décadas de oitenta e noventa (século XX), Joinville, como a maioria das cidades industriais no Brasil, viveu um processo de retração na oferta de empregos nas empresas de produção de bens. Essa retração foi consequência da política neoliberal – responsável pelas importações – e de uso de novas tecnologias – que eliminou postos de trabalho – aumentando, em decorrência, o número de pessoas desempregadas, atingidas pela exclusão social. Houve problemas de ordem estrutural no planejamento do município e as demandas por necessidades educacionais aumentaram.

Nessa trajetória de conformação de um município sustentado sob o “mito do colonizador”, poucos esforços políticos e econômicos foram feitos para que, na região, se constituíssem polos formadores em educação pública, instituições educacionais de referência na formação de quadros técnicos e científicos, capazes de subsidiar o município em seu desenvolvimento econômico e social. Os quadros técnicos e estratégicos para as engenharias da produção industrial vinham de fora da região e de fora do país. Para funções de base poderiam ser contratados os quadros formados nas instituições criadas na cidade, escolas técnicas, faculdades e centros tecnológicos. Nesse período, frente às inúmeras tensões, transformações sociais começaram a surgir outras possibilidades. Na contramão desse discurso, houve um esforço significativo para a transformação de uma Fundação Educacional criada na década de sessenta.

3.2 Sobre a Univille

Após a década de 60, Joinville passou por muitas transformações e, com o desenvolvimento da indústria, a educação escolar passou a ser considerada importante, visando especialmente à qualidade da mão de obra, pois a migração chegava de áreas rurais de outros estados brasileiros, pessoas, muitas vezes, despreparadas para o trabalho na indústria. Essa nova população envolveu-se, em pouco tempo, com pessoas de diferentes origens, profissões e classes sociais. Esse fluxo migratório gerou ocupações de terras em vários pontos do município, muitas vezes em áreas de mangue, criando condições de vida precárias. (COSTA, 2005, p. 119)

Tendo em vista o desenvolvimento da cidade e a necessidade de aprimoramento intelectual para suprir as demandas educacionais, foi criada, em 1967, a Fundação Joinvilense de Ensino – FUNDAJE, com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que funcionava no antigo Colégio Marista, hoje ACE (Associação Catarinense de Ensino), abrigando alguns cursos na área da Educação (História, Geografia, Letras e Matemática), para suprir as necessidades de habilitação de professores que atuavam nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

A Faculdade de Ciências Econômicas, implantada em 1965 e pioneira no ensino superior em Joinville, foi integrada à FUNDAJE em 1969. Em 1970, instalou-se a Escola Superior de Educação Física e Desportos, cujas atividades se desenvolviam nas dependências da Sociedade Ginástica. Também nesse ano, a Faculdade de Filosofia, com os cursos de Geografia, História, Letras e Matemática, passaram a funcionar no Colégio dos Santos Anjos.

Em 1971, pela Lei nº 1.174, de 22 de dezembro de 1971, a denominação FUNDAJE foi alterada para FUNC (Fundação Universitária do Norte Catarinense). Nesse mesmo ano, criou-se a Faculdade de Ciências Administrativas, com os cursos de Administração de Empresas e Ciências Contábeis.

Em 1975, os cursos foram transferidos para o Campus Universitário, no bairro Bom Retiro, local onde hoje a Univille está instalada. Desde então, segundo a Lei Municipal nº 1.423, de 22 de dezembro de 1975, constituiu-se a Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ). Em 1977, foi implantado o Colégio de Aplicação, hoje Colégio da UNIVILLE, adotando métodos inovadores no ensino fundamental e médio.

Em 1982, a FURJ estendeu seu campo de atuação a Jaraguá do Sul, com o curso de Ciências Econômicas e, em 1983, com o curso de Ciências Contábeis. No ano seguinte, levou

o curso de Administração de Empresas para São Bento do Sul, que hoje é sede do Campus II da Universidade e abriga também o Centro de Estudos e Pesquisas Ambientais (CEPA) Rugendas.

No início do ano letivo de 1989, realizaram-se reuniões com lideranças comunitárias nas áreas econômica e política do município e com lideranças da comunidade acadêmica da Instituição, a fim de rever o Projeto Institucional da FURJ. Formou-se, então, o grupo Rumo à Universidade, com a tarefa específica de elaborar uma proposta pedagógica para viabilizar a transformação da FURJ em universidade.

Em junho de 1991, foi instalada a Comissão Federal de Acompanhamento do Projeto Univille. Em 1992, a Carta-Consulta reformulada foi novamente protocolada no Conselho Federal de Educação (CFE). Ela contemplava a visão interdisciplinar de ciência, fundamentada no holismo crítico e na visão ecológica de mundo, inseridos e partilhados no ensino, na pesquisa e na extensão e, portanto, disseminados em todos os segmentos e em toda a abrangência da nova universidade. Em maio de 1993, em face de nova legislação, delegou-se a tarefa de acompanhamento do Projeto Univille ao Conselho Estadual de Educação (CEE), que, em dezembro de 1995, aprovou, por unanimidade, a transformação da FURJ em Universidade da Região de Joinville (Univille).

Menos de um ano depois, em 14 de agosto de 1996, foi assinado o Decreto Presidencial de Credenciamento da Universidade da Região de Joinville (Univille), publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 15 de agosto do mesmo ano.

Em 26 de junho de 2001, o CEE, conforme Parecer nº 123 e Resolução nº 032, renovou, pelo prazo de cinco anos, o credenciamento da Universidade, o qual foi publicado no Diário Oficial do Estado (DOE) pelo Decreto nº 2.658, de 18 de julho de 2001.

Em 2004, a Universidade obteve nova conquista: a criação da Unidade São Francisco do Sul, inaugurada em 13 de agosto. Entretanto, desde 1993, a Univille estava presente naquele município, realizando atividades de ensino, pesquisa e extensão. Essa Unidade dispõe também do Centro de Estudos e Pesquisas Ambientais (CEPA), localizado na Vila da Glória, implantado em 1999, e da ilha da Rita, cedida à FURJ pela União para implementação de um núcleo para pesquisas básicas e aplicadas, visando ao monitoramento ambiental e ao desenvolvimento socioeconômico da baía da Babitonga.

Em 2009, foi criado o Parque de Inovação Tecnológica de Joinville e Região, o INOVAPARQ, numa parceria entre Univille/UFSC/ UDESC/Instituto Católico de Santa Catarina, com o objetivo de criar um ambiente de aproximação entre universidades, empresas e governo, que responda aos desafios enfrentados por Joinville e região, de modo a promover

o desenvolvimento regional sustentável.

Além do crescimento físico constante, a Universidade investe na capacitação do seu corpo docente e na qualidade das ações de ensino, pesquisa e extensão, buscando formar profissionais sintonizados com as questões sociais e capazes de interagir com a comunidade na qual estão inseridos.

A Univille tem como missão promover formação humanística e profissional de referência para a sociedade, atuando em ensino, pesquisa e extensão, e contribuir para o desenvolvimento sustentável. A Universidade tem como valores e princípios: a cidadania, integração, inovação e responsabilidade ambiental, buscando formar profissionais em contínua transformação, de modo a contribuir para aumentar a capacidade de mudança da sociedade.

3.3 Sobre o curso de Artes Visuais da Univille

Com o movimento e a expansão profissional e cultural, na cidade não havia curso de formação superior para professores de Artes, e as escolas estavam atuando com profissionais não habilitados para ministrar as aulas de Artes. Na década de oitenta, na região, havia um grupo de artistas que formavam a Associação de Artistas Plásticos de Joinville – AAPLAJ, os quais se reuniam uma vez por mês, no Museu de Artes de Joinville – MAJ. Numa dessas reuniões, uma associada, a artista Eladir Skibinski, falou da necessidade de se ter um curso de Educação Artística, pois ela própria estava indo a Florianópolis para concluir seu curso. A ideia foi bem aceita pelos associados e ela sugeriu que os interessados colocassem seu nome numa lista de abaixo assinado, comprometendo-se em levar esse pedido dos artistas e dos arte-educadores da região que não tinham curso superior e que, sem formação, estavam atuando nas escolas de Joinville, à UNIVILLE. A carta, dirigida à Diretora Geral da FURJ, a Professora Mariléia Gastaldi Machado Lopes, justificava a necessidade da implantação de uma Faculdade de Educação Artística na região, devido à carência de professores habilitados na área, para atendimento às escolas de Ensino Fundamental e Médio. Naquele período, dos 61 professores de Educação Artística que integravam a 5ª UCRE, somente 11 professores eram habilitados e, em Santa Catarina, somente três instituições (UDESC, FURB, FUCRI) possuíam curso para formação de arte-educadores.

Em decorrência dessa problemática, constatava-se que os professores interessados pela

arte optavam por outra faculdade devido à falta de oferta de um curso específico na região; por outro lado, o preenchimento das vagas de Educação Artística nas escolas era feito por pessoal habilitado em outras disciplinas. Esses professores não tinham possibilidade de efetivação, recebiam salários inferiores e não havia garantia de que os conteúdos de arte fossem efetivamente ministrados. A semente germinou.

Autorizado pelo parecer CEE nº 343/87 e decreto nº 94.943 de 24/09/87, o curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, passou a ser oferecido em 1988, na antiga FURJ, através da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no período matutino., com duração de 4 anos.

Para dar início aos estudos para a criação do curso de Educação Artística, fez-se necessário pesquisar a potencialidade do mercado de trabalho para o bacharel e o licenciado em Artes Visuais. Joinville é um polo industrial que contempla o maior parque do Estado de Santa Catarina, onde têm crescido, a cada ano, mais espaços artísticos e culturais, como: Centreventos Cau Hansen; Escola do Teatro Bolshoi no Brasil; Festival de Dança; Festa das Flores Etnia Alemã; etnia Suíça; etnia Italiana, Estação da Memória; Museu Nacional da Imigração e Colonização; Museu Nacional do Bombeiro; Museu da Bicicleta; Museu Fritz Alt; Museu de Arte de Joinville; Museu Arqueológico de Sambaqui; Espaços Culturais em Shopping Centers, Prédios Públicos, Instituições Educacionais e Instituições Bancárias.

A justificativa para a criação do curso de Artes Visuais deu-se pelo fato de que as cidades crescem e mudam seus interesses, o processo de urbanização se acelera, os problemas das relações sociais ganham novos formatos. Nesse contexto, a introdução do curso de Artes Visuais vislumbrava contribuir para uma nova tematização da cultura, democratizando-a. O Projeto Político Pedagógico do curso (1998) relata que a função pedagógica da Arte mostra que é, através da arte, que o homem tem acesso às experiências vividas interior e subjetivamente e que escapam à linearidade da linguagem.

Conforme consta no seu documento original, o curso teve como objetivo

[...] formar o profissional competente para o ensino das artes plásticas, no Ensino Fundamental e Médio e como objetivos específicos: 1º atender ao mercado de trabalho de Joinville e região, 2º incluir o Departamento de Artes plásticas na elaboração e execução de projetos de extensão, 3º incentivar projetos de pesquisa atendendo anseios e expectativas da comunidade, e 4º integrar o curso à comunidade através de eventos, projetos artísticos, culturais, e outros. (PPP, 1998, p.154).

O curso de Artes Visuais veio para Joinville e regiões próximas suprir uma necessidade da área educacional e profissional. As escolas estavam atuando com professores sem habilitação na disciplina, o que se tornou necessário pela obrigatoriedade de o ensino da arte ter profissionais habilitados, segundo constava nos documentos oficiais.

A primeira turma iniciou seus estudos em 1988, era composta por artistas, professores sem formação que já atuavam na docência e pessoas da comunidade que tinham sensibilidade artística e se interessavam em ampliar seus conhecimentos sobre a arte e suas manifestações culturais.

O curso de Artes sustenta-se na visão do ensino da arte a partir de três eixos: a história da arte, a leitura da obra de arte e o fazer artístico, formando a metodologia triangular, cujo referencial teórico foi sustentado pela arte-educadora Ana Mae Barbosa. (PPP, 1998, p.5)

Com as inovações educacionais, o nome da disciplina “Educação Artística”, utilizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 5692/71) passou a ser “Ensino da Arte” na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), de acordo com o art. 26 parágrafo 2º: “O Ensino da Arte constituirá componente obrigatório nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Essa mudança garante o ensino da arte e propõe uma mudança de paradigma com relação a sua concepção, metodologias, recursos e processos de avaliação. (LDB,1996, p. 160)

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Arte-PCN e também na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina-PCSC, vislumbra-se um novo enfoque com relação ao ensino da arte, em todos os níveis: despertar no aluno as possibilidades de aprimoramento de vivências diárias como instrumento de expressão e conhecimento, reflexão e crítica, indispensáveis ao seu processo de desenvolvimento em sociedade. A arte passa a ser entendida como uma forma de conhecimento, não antagônica à ciência, pois ambas se originam do pensamento racional e da sensibilidade e se complementam no acesso a uma visão objetiva da realidade, do ser humano e do universo.

O reconhecimento do curso aconteceu quando a primeira turma terminou o quarto ano (1991). Em 1994, foi aprovada a 1ª alteração na grade curricular do curso, pelo Parecer nº 119/94 de 14/06/94 do CEE, alteração necessária para contemplar as diversas linguagens visuais e informacionais (novas mídias). Foram implementadas as seguintes disciplinas: Multimeios, Introdução à Filosofia, Metodologia Científica e da Pesquisa, Arte no Ensino Informal e Psicologia da Arte. Nos estágios também houve inovações: os estágios informais (centros comunitários, galerias de arte, escolinhas de arte), e os formais (redes de ensino), mudanças que possibilitaram aos alunos diferenciar e vivenciar as duas experiências.

Para melhorar a qualidade do curso, fez-se necessário investimento no espaço físico, nos equipamentos e no acervo bibliográfico. O curso destacou-se em Projetos como de Extensão Universitária, Projeto “Arte na Escola”, participação de professores e acadêmicos em eventos comunitários. Os relatórios mostraram a participação do curso em visitas às Empresas, Indústrias, Ateliês de artistas, Museus, Galerias de Arte, realização de exposição de trabalhos na Universidade, em Shopping Centers, realização de Semanas de Arte, Colônias de férias com o Batalhão do Exército. Os alunos também receberam destaques e premiações em salões de arte, concursos de fotografia, de vitrines e na confecção de troféus. (PPP, 1998, p.155)

As pesquisas realizadas mostraram que os alunos egressos estão atuando no mercado de trabalho, alguns como professores nas redes municipal, estadual e particular de ensino, suprindo, assim, a necessidade de profissionais qualificados para atuarem com o ensino da Arte na escola, e outros nos diversos segmentos culturais da cidade e região, como: promoção de eventos culturais, museus, galerias de arte, ateliê próprio, lojas de roupas exclusivas (proprietário), cargos públicos na Fundação Cultural de Joinville. As substituições de professores sem habilitação por alunos formados na UNIVILLE, através de concursos públicos passou a ser uma constante, assim como mudanças nas escolas particulares de Ensino Fundamental e Médio, que passaram a admitir professores com formação em arte educação, haja vista a preocupação dos coordenadores com os rumos que tomou o ensino da arte. Foram necessários novos investimentos na estrutura física das escolas, como a construção de salas-ambiente para diferentes modalidades artísticas (música, artes cênicas e artes plásticas). (PPP, 1998, p.156)

No ano de 1998, em reunião de colegiado, estabeleceu-se como principal meta a elaboração de proposta para o oferecimento do curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura, com habilitação em Artes Plásticas, o que seria divulgado na região e microrregiões de Joinville. (PPP, 1998, p.157).

A justificativa da mudança para “Artes Visuais”, é a possibilidade de “incorporar novos conceitos de Arte”, podendo apresentar três subáreas: Artes Plásticas, Artes Gráficas e Meios Eletrônicos; também abrange as linguagens bi e tridimensionais que são as técnicas tradicionais (desenho, pintura, escultura, gravura etc.), além das formas contemporâneas Instalação e Performances etc. (PPP, 1998, p.159).

Para uma melhor contribuição da arte da gravura na Universidade, no ano 2000, em contato com vários artistas gravuristas de diferentes regiões do Brasil, o curso recebeu como doação mais de 73 obras de arte de diferentes técnicas, como xilogravura, gravura em metal,

litogravura, serigrafia, infogravura e desdobramentos dessas técnicas com materiais alternativos para se trabalhar em sala de aula. Junto com as obras, os artistas enviaram textos reflexivos relacionados ao pensamento filosófico e conceitual e, a partir desses documentos, foram elaboradas fichas técnicas de materiais educativos.

Com essas gravuras, em 2007, criou-se um projeto de pesquisa para que servisse de estudo e contribuísse para o ensino da arte na escola. Esse projeto tinha como título “*Investigação teórica, técnica e estética na linguagem da gravura*”; nos anos 2008/2011, desenvolveu-se a pesquisa “*Construção de material educativo com as obras em Gravura do Acervo da Univille*”, para a qual se digitalizou todo o acervo de obras de arte em gravura da Univille.

Criou-se um “*blog*” para divulgar a pesquisa e para que mais pessoas pudessem acessar o acervo. Na linguagem artística da tecelagem, no ano de 2008, desenvolveu-se um projeto de pesquisa e também de iniciação científica intitulado “*Investigação histórica, técnica e estética na linguagem da tecelagem com fibras naturais*”. Os resultados foram descritos no artigo intitulado *A linguagem da tecelagem: suas possibilidades na educação*, publicado na Revista da Univille, em 2008. No ano de 2010, foi a vez de um projeto de iniciação científica – PIBIC, tendo como título “*Pesquisa teórica e prática com fibras da bananeira para a criação de padrões têxteis para confecções de amostras para tapetes*”. Neste ano de 2011, sob o título “*Pesquisa teórica e prática com a linguagem da tecelagem para confecção de amostras de tapetes com materiais alternativos*”, estão sendo pesquisados outros materiais alternativos, como papelões de caixas de embalagens, latas de refrigerante, sacolas plásticas, revistas e outros materiais que se transformam em fibras para uso no tear, servindo como tramas para confecção de tapetes. Essas pesquisas contribuíram para professores e alunos pensarem em suas práticas como educadores. Fayga Ostrower, (1998, p.3) artista que sempre trabalhou incentivando a arte e os processos de criação artística, ressalta que: “[...] a arte é uma linguagem própria, cujos termos específicos, cores, linhas, formas são expressivos entre si e cujos contrastes e ênfases formais também se tornam expressivos”.

A arte através de imagens gravadas em diferentes suportes e diferentes métodos de representação torna possível ao ser humano compreender seu mundo e o que sente. e isso se torna possível por meio da leitura que o estudante faz de tais imagens. Nessa linguagem, pode-se também desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente e desenvolver a capacidade crítica. A arte de gravar imagens e a observação delas pelo ser humano possibilitam também aprender a analisar a realidade percebida e desenvolver

a criatividade através de outra maneira pela qual essa realidade pode ser vista. Para Ostrower (1998), a criatividade está presente em todo ser humano, basta desenvolver seu olhar:

[...] a arte se refere, em última instância, à própria criação humana e a certos questionamentos sobre a realidade do nosso viver. ela sempre formula uma visão de mundo. é neste nível que ocorrem suas indagações e as tentativas de respostas e é neste nível que se desenvolve a criatividade. (OSTROWER, 1998, p.04).

Duarte explica o ato criador quando se refere a “processos mentais – motivação, percepção, aprendizado, pensamento e comunicação – que o ato criador se mobiliza” (1988 p. 96). Também define que o ato criador focaliza influências ambientais e culturais e a criatividade pode ser entendida em função de seus produtos, como invenções, pinturas, esculturas e poemas.

Na área da extensão universitária (2001 a 2003), desenvolveu-se o projeto intitulado: *Universidade Solidária: arte, cultura e lazer com ênfase no meio ambiente*, como parte do Programa Universidade Solidária – UNISOL. Desse projeto de extensão foram apresentados os resultados no Seminário Estadual “Arte na educação”, em 2004, Canoinhas/SC, e na Revista de Divulgação Científica da Universidade do Contestado – UnC. Em 2009/2010, junto com um grupo de alunos estagiários voluntários, foi desenvolvido um trabalho na comunidade do bairro Aventureiro, de Joinville¹⁴, ensinando a Arte da “tecelagem” em forma de artesanato, produção de peças e pesquisas de vários tipos de materiais não poluentes do meio ambiente, com o objetivo de geração de renda para essa comunidade.

O aluno do curso de Artes Visuais não só se qualifica para o mercado de trabalho como também pode atuar nos grupos de pesquisa que a universidade mantém, como: Programa Institucional Arte na Escola – PIAE, Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE, que incentivam a iniciação científica, possuem grupos de estudo com professores, desenvolvem cursos de extensão e de pós-graduação *lato sensu*, realizam seminários de arte-educação tanto de abrangência nacional, como em parceria com outras Instituições de ensino. Os alunos também estão atuando em pesquisas de demanda interna, como em pesquisa de iniciação científica – PIBIC. Esses grupos incentivam a investigação, bem como a escritura de artigos científicos.

¹⁴ Bairro próximo da Universidade. Teve seu início na década de 1950, com um time de futebol com este nome; hoje possui habitantes.

O curso de Artes Visuais contribuiu para o desenvolvimento cultural da região, pois qualificou pessoas para atuarem em diversos segmentos. Alguns egressos passaram a atuar profissionalmente como artistas plásticos, atores teatrais, fotógrafos e outras profissões que o ensino da arte proporciona.

A seguir, apresenta-se uma cronologia do curso de Artes Visuais desde seu início até os dias de hoje. Evidenciam-se as ofertas de cursos no departamento, alterações curriculares e um histórico dos acontecimentos mais significativos.

Quadro 01: Linha do tempo do Curso de Artes Visuais – Univille

DATA	FATO HISTÓRICO	OBSERVAÇÕES
1851	Fundação do Município de Joinville.	Colonização Alemã.
1965	Criação do curso de Ciências Econômicas, no Colégio Bom Jesus	Criado e mantido
1967	Criada: Fundação Joinvilense de Ensino – FUNDAJE, com a FFCL de Joinville	Objetivo: manter as unidades de ensino.
1968	Implantada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	Local: Colégio Marista, atual Associação Catarinense de Ensino-ACE
1971	FUNDAJE alterada para FUNC Fundação Universitária do Norte Catarinense.	
1975	Mudança para o Campus Universitário.	Bairro Bom Retiro.
1975	Mudança do nome: de FUNC para Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ.	
1985	Abaixo assinado para FURJ, pelos artistas e arte-educadores para a criação do curso de Educação Artística.	Havia 61 professores Educação Artística não habilitados na Rede Municipal/Estadual e Particular de ensino.
1988	Criação do curso de Educação Artística – FURJ.	
1988	Metodologia Triangular: 3 eixos norteadores: história da arte; leitura de obras de arte; fazer artístico. Referencial teórico: Ana Mae Barbosa.	Metodologia norteava o ensino da arte nas escolas.
1991	Formação da 1ª turma de Educação Artística na FURJ.	
1992	1º curso de Pós-graduação/ <i>lato sensu</i> USP/UNIVILLE.	Ênfase: “A prática social da arte”.
1994	1ª Alteração curricular do curso de Educação Artística.	Objetivo: atender às exigências da modernidade.
1994	Avaliação do curso, destaques: premiações dos alunos em salões, atividades de extensão em empresas, museus, galerias de arte, ateliês, concursos de Arte, trabalho em escolas.	
1994	Alunos formados trabalhando em Escolas Municipais, Estaduais e Particulares de ensino.	
1995	Aprovação do Programa Institucional Arte na Escola. Integra a rede Arte na Escola junto com 32 IES.	
1996	Artigo 26 §2. Leis de Diretrizes e Bases da Educação.	O Ensino da Arte passa a ser obrigatório nos diversos níveis de educ. básica
1996	Capacitação de professores de Educação Artística.	Professores ministrando aulas: Graduação: 1 Especialista: 11 Mestres: 5 Doutor: 0
1998	Extinto o curso de Educação Artística pelo Conselho Universitário – CEPE.	
1998	A Proposta Curricular Nacional-PCN compreende a “Arte como linguagem e construção de conhecimento”.	Ensino focado em: Conhecimento, reflexão e crítica da arte.
1999	A Proposta Curricular de SC propõe duas habilitações em Artes Visuais. Bacharelado e	Em substituição a Educação Artística. O aluno poderá optar por: Bacharelado ou

	Licenciatura. Oferta das duas habilitações.	Licenciatura em Artes Visuais
2001	Capacitação de professores do Departamento de Artes Visuais: Graduados: 26 Especialistas: 35 Mestres: 30 Doutores: 9	
2002	Reconhecimento do curso de Artes Visuais: Bacharelado e Licenciatura	Conselho Estadual de Educação
2002	Qualificação dos professores de carreira: 18 colaboradores: 13 regime integral: 9	
2006	Reestruturação do curso de Licenciatura em Artes Visuais.	Parecer favorável
2006	Professor de Artes - Formação/Competências Conhecimentos estéticos, operacionais e conhecimentos pedagógicos.	
2006	Mudança na Composição Curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais	Optou-se por oferecer o curso, tendo como referência os módulos: - Linguagens da Arte; - Arte e Cultura; Arte e Educação; - Práticas Pedagógicas
		O interesse é tornar mais acessíveis os custos dos cursos de licenciatura. As disciplinas comuns, os alunos as teriam junto com outros cursos
2009	Os cursos de licenciatura passam a ter um perfil profissiográfico comum quanto à formação para a docência.	Proposta: busca atender às necessidades de manutenção do oferecimento de vagas para os cursos de licenciatura
2011	- Oferecimento do curso de Bacharelado - Início dos estudos para o Departamento oferecer cursos de tecnólogos em Teatro; Eventos etc.	Bacharelado: oferta no vestibular de inverno. Licenciatura: vestibular de verão. Tecnólogo: inverno de 2012
2013	Início de uma nova turma de Artes Visuais.	

Fontes: documentos oficiais da Univille e pesquisadora.

MOMENTO 4

DO GOSTO PELA ARTE À BUSCA PELO CURSO DE ARTES VISUAIS

“Planta-se um grão, colhem-se várias espigas”.
Van Gogh

Neste Momento 4 – apresenta-se o conteúdo de narrativas dos sujeitos que constituíram novas fontes para esta pesquisa. Neste caminhar metodológico, considera-se como ponto de partida para tecer os diálogos, as seguintes referências: atuação profissional na docência em Artes, na gestão educacional, na pesquisa, destacando a inserção no Curso de Mestrado em Educação da Univille e na Gestão Cultural de Joinville.

As entrevistas foram marcadas por telefone e realizadas nas residências dos sujeitos e em contato direto com os mesmos, nos dias e horas estipulados. Para se estabelecerem as trocas com as falas, iniciava-se com uma frase e o entrevistado completava com seu parecer sobre o tema proposto. A conversa deu-se em torno da escolha pelo Curso de Artes Visuais para a formação; as lembranças dos tempos do curso; o aprendizado para a vida pessoal e profissional; as lembranças dos professores do curso; o significado do curso para a área cultural de Joinville e região e o que está fazendo hoje, após sua formação no curso de Artes Visuais¹⁵.

Para que se compreendam os caminhos da pesquisa em si, recorreu-se aos estudos de Ronca (2005), Minayo (2000), Szymanski (2002), Alberti (2007) e à teoria de identidade de Ciampa (1998). A intenção com esse procedimento foi o compromisso ético com as fontes e

15 Para esse encaminhamento ressaltamos que deveria para uma autorização dos envolvidos através do termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética da PUCSP, sob o número do protocolo 426/2011 de aprovação do projeto e, na sequência, a leitura das narrativas transcritas para os mesmos observarem se as informações eram coerentes com os depoimentos publicizados. Desta forma, pudemos analisar melhor a fala do entrevistado, suas entonações, suas pausas. O gravador conserva com maior precisão a linguagem do narrador. Segundo Minayo:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez, que se inscreve como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. (2000, p. 57).

também o aprimoramento dos diálogos para a construção do roteiro indicativo das entrevistas, gravadas e documentadas. Tais autores foram significativos, sobretudo, porque auxiliaram nessa fase de transcrição, análise e também de interpretação dos conteúdos.

Desse modo, neste **quarto momento, Do gosto pela Arte à Busca pelo Curso de Artes Visuais** são apresentados os conteúdos, os professores, os sentimentos nas relações entre os alunos e sua vivência artística. A formação até a profissionalização, envolvendo a arte, cultura e educação. O curso de Artes Visuais, sua influência e presença em Joinville.

O gosto pela Arte é questão recorrente nos depoimentos, permeando todos os temas abordados, e aparecendo como motivação para o ingresso no Curso de Artes Visuais na Univille.

Assim diz Ivone:

O gosto pela arte veio dentro da minha história de vida, o homem é um ser criativo. Deus criou o homem à sua semelhança. O potencial criativo muitas vezes está adormecido dentro de uma pessoa; (...) dependendo da linguagem, sempre vai aparecer de uma forma ou de outra, de repente dentro da sua profissão. Comigo aconteceu a relação com a natureza, com a argila, desde criança gostava de desenhar buscando as formas das flores.

Eliane também afirma:

Quando eu era pequena brincava no barranco perto de casa, que tinha uma espécie de pedra sabão menos rígida, dessas que costumamos ver na Bahia, Curitiba, e que uma vez tivemos na Univille. E com essas fazíamos as esculturas em casa na época, com uma faquinha que a mãe deixava usar, dessas sem pontas.

Então, quando comecei no curso eu já tinha afinidades com a cerâmica e com a escultura. O curso me deu a certeza de que é isso que eu quero a partir de teóricos. E que agora estou tentando me aperfeiçoar.

Linda, ao falar sobre seu gosto pela Arte, mostra como essa condição a levou ao Curso de Artes Visuais. Diz ela:

Não sei muito porque que eu sempre gostei de arte. Trilhei esse caminho unicamente por paixão.

Eu fiquei eufórica, enfim teria a oportunidade de fazer um curso de artes, meu grande sonho desde criança. Voltar a estudar... Meu Deus, era tudo que eu queria na vida.

A partir da assinatura da lista da Professora Eladir, bem como todos os encaminhamentos que fez junto aos órgãos competentes e pessoas gestoras na época, eu e a Célia ficamos na expectativa da instalação do curso de artes em Joinville. Quando saiu o edital do curso comecei a estudar regularmente história da arte e praticar desenho; no começo tinha prova de seleção e isto me assustava. Estudei bastante, decorei o livro do Cavalcanti “Como entender a pintura moderna”. Eu queria garantir meu ingresso. A prova de seleção foi difícil, história, conhecimentos gerais e todas mais do vestibular unificado. Mais a prova de desenho: pediam 3 desenhos. Quem aplicou foi o Marcos Rüch, artista e arquiteto da cidade. Aí tudo começou. Nós entramos, novamente com a Célia, no curso de educação artística e também com outros tantos artistas da cidade. Eu era das veteranas, mais a Berenice, Sonia Stamm e a Célia. As quatro já artistas e da AAPLAJ.

Ainda que formada em outro curso, Sulamir conta como foi seu ingresso no Curso:

Foi muito importante para mim porque, antes do curso de Artes Visuais, eu tinha feito o curso de Pedagogia, em que eu me inseri no espaço de professor, mas ainda faltava algo que deveria preencher mais meu caminho, que era todo meu lado artístico que vem me alimentando desde pequena, e tudo que fazia nas minhas brincadeiras sempre quando desenhava eu percebia a vontade de expressar artisticamente. Aí, quando surgiu a primeira turma de Artes Visuais eu fui provavelmente a primeira a ter me inscrito no curso. Me preparei, passei, foi maravilhoso.

Deneusa, embora por motivos diferentes, também veio de outra área de conhecimento e campo de atuação, mas também vem da infância o gosto pela Arte:

Na infância e adolescência eu sempre tive contato com o artesanato. Meu pai tinha uma oficina de fazer coisas em casa, em madeira; crochê, a minha avó, e pintura eu fui fazer porque gostava de desenho e pintura, e depois eu morando aqui em Joinville o curso de Artes Visuais da Univille foi a glória.

Quando resolvi fazer Artes Visuais, também não era com a intenção de ser professora, eu pensei em abrir um negócio, de trabalhar com decoração,

porque era o que eu gostava, porém como eu tinha opção dessas duas, eu pensei “já que estou aqui vou fazer as duas Bacharelado e Licenciatura.

Depois de ter prestado cinco vestibulares para Direito, eu resolvi fazer Educação Artística. Fiz minha inscrição e comecei na primeira turma de Artes Visuais da Univille. Foi muito bom porque eu já estava com 35 anos e era uma turma muito diversificada nas idades, nos ideais.

Foi uma mudança radical na minha vida, quando resolvi fazer o curso, eu já havia prestado vestibular em direito e Administração, por conta de minha atividade que na época eu tinha uma empresa com meu marido, trabalhava com ele e eu pensava que seria nessa área, mas eu tinha uma afinidade muito grande com a Arte, com a criação, organizar uma festa, organizar um evento na família, com os amigos, eu sempre era chamada, eu estava sempre na lida com isso.

E foi um dos ideais da minha vida, porque foi uma das poucas vezes que tomei uma atitude sem ouvir muito a opinião dos outros e sei que acertei, eu amei fazer o curso, tanto é que estou na área até hoje. O curso na verdade significou na minha vida muito, toda a minha produção agora no meu trabalho onde atuo e como pessoa”.

Esses depoimentos mostram a presença da Arte na vida das narradoras e a busca pelo Curso de Artes Visuais da Univille como um caminho para a formação profissional que emergia como possibilidade de satisfação de um gosto que se desenvolvera ao longo da vida.

Linda conta também como foi o início do Curso, as necessidades e a participação de alunos e professores para obterem condições adequadas para seu funcionamento. Conta ela:

Formaram-se logo as lideranças e começamos a solicitar coisas, tínhamos a diretora, Profa. Mariléia Gastaldi, do nosso lado, que também era professora do curso. Logo me envolvi na parte política do curso, reivindicávamos muitas coisas para o bom funcionamento do curso. Como a nossa turma foi a primeira, as dependências da faculdade eram muito simples e não tínhamos sala ambiente, não tínhamos uma porção de coisas que a gente reivindicava, hoje eu entro na Univille e vejo toda a estrutura que tem, principalmente no CAD (Centro de Arte e Designer), penso comigo: “era tudo o que nós queríamos, a gente batalhou no começo e agora está aí”.

Contribuímos em parte por toda essa estrutura, nós fomos os alicerces desse curso. Isso dá um orgulho enorme. Faz valer a pena levantar bandeiras e batalhar pelas melhorias, embora não possamos usufruir, mas outros o farão.

Aos poucos íamos pedindo coisas, cada ano pedíamos algumas coisas novas. Falávamos, argumentávamos da necessidade de melhoria, assim como professores novos e específicos nas disciplinas, com conhecimento e experiência. Também falávamos muito da presença do curso na cidade, de uma efetiva divulgação em escolas e instituições, a fim do curso participar mais de eventos da cidade. Isso traria respeitabilidade e valorização aos profissionais.

Deneuza também faz referência aos primeiros tempos do Curso:

Isso foi bem importante, eu amo falar do meu curso, da primeira turma, nós enfrentamos grandes dificuldades, porque era a primeira turma, tudo muito novo, os próprios professores, o próprio departamento, todo mundo se estruturando, se organizando, uma nova grade curricular que poderia ser diferente, mas tínhamos que ir até o fim para saber se ia dar certo, talvez errando para acertar.

E Linda:

Também todos os outros leques que se abriram com o curso nas áreas de artes visuais, como Pintura, Desenho e, como éramos da primeira turma, claro que tinha muitas deficiências, mas como éramos um grupo unido, maravilhoso, buscávamos tornar que o curso fosse o melhor das nossas vidas.

Esses são alguns dos depoimentos que mostram como as pessoas se relacionavam com a Arte, por que foram em busca do Curso, as dificuldades no início, as reivindicações e a melhoria das condições que deram as bases para a construção e o desenvolvimento de uma experiência que promoveu uma formação de excelência a essas ex-alunas, como se verá no tópico a seguir.

4.1 O curso de Artes Visuais da Univille: sentidos e vivências

Os depoimentos das entrevistadas são marcados pela amplitude e pela riqueza de elementos que mostram o que o Curso proporcionou a elas. Neste tópico estão expostas as

análises mais gerais a respeito do Curso, para depois serem especificados cada um dos pontos que contribuíram para essa avaliação.

Ivone sintetiza bem os vários depoimentos. Diz ela:

O curso de Artes Visuais significou uma mudança grande na minha vida, muito significativa. Consegui ampliar minha leitura de mundo, construir uma vida totalmente diferente, surpreendente. Em todos os aspectos: de liberdade, de construção de conhecimento, criatividade. Na escrita consegui contextualizar todas as minhas realizações de vinte anos atrás, consegui interpretar o velho para projetar algo novo.

Ter uma liberdade muito grande de posição, (...) viemos de uma educação tradicional e romper com isso, porque na prática o curso veio como se fosse uma terapia, uma construção do novo, de algo belo, porque então aprendi que o curso foi exemplar e hoje eu agradeço, porque comecei a faculdade com 42 anos, me formei com 46 anos e tenho amigas que hoje dizem que “se a Ivone conseguiu, eu também vou conseguir”. Tenho uma amiga, professora de Inglês, que disse “você é um exemplo de vida, busca sempre... e se você conseguiu”. E ainda vou continuar estudando, se possível vou continuar sempre.

Para Linda, como para as demais ex-alunas, o Curso foi significativo, extrapolando o âmbito meramente profissional:

O curso de Educação Artística foi a coisa mais importante que fiz na minha vida, porque me fez uma pessoa mais consciente do meu trabalho, da importância que tem o profissional, de estar sempre lendo, se atualizando olhando e vendo coisas novas, apoiando artistas novos, professores novos, como artista mostrando produções novas.

Hoje eu tenho certeza da importância da minha graduação e de como esses conhecimentos direcionaram minha trajetória. Pontuando as diversas etapas, mesmo com afastamentos temporários, os retornos foram como um chamamento. É a paixão pelo que gosto e pelo que aprendi e experienciei na área artística.

O encontro com as diferentes linguagens é uma marca forte na fala das depoentes. Diz Eliane:

O curso de Artes Visuais da Univille me fez ter certeza das linguagens que eu gostava de trabalhar, aí eu experimentei todas as linguagens, e o curso

deu algumas certezas, me fez experimentar, e a paixão pela educação e a importância da arte na educação.

Aprendi que o curso para minha vida pessoal, como artista trabalhava com cerâmica e pintura, o curso muito contribuiu, porque na realidade eu já tinha o gosto pela Arte, aí tive a disciplina de cerâmica e outras, e durante o curso fizemos muitas viagens e uma coisa maravilhosa foi experimentar... ter certeza da minha paixão, que é a Cerâmica ou a Escultura. Para dizer a verdade, estou hoje fazendo curso com mármore e produzindo outras coisas, então é pintura e escultura. O curso me deu esta certeza porque eu pude experimentar esta série de linguagens.

A relação com a Educação é outro ponto recorrente na fala das entrevistadas. Algumas depoentes já trabalhavam com Educação e outras ingressaram mais tarde nesse campo. Essa questão será especificamente desenvolvida adiante, mas vale a pena registrar algumas falas.

Diz Sulamir:

Todos os anos que eu passei, que eu estudei na Univille, as relações com os meus colegas foram maravilhosas, aprendemos muito juntos principalmente porque eu sabia que estava alimentando a todo meu lado artístico, a artista, não só a professora, eu fiz a ponte com Arte-educação, a educação através da Arte.

Também Ivone faz referência à Educação:

A Universidade veio completar o meu desejo de contextualizar e poder trabalhar enquanto professora a parte teórica, ser crítica, reflexiva, e fazer nossa criança a ser crítica desde pequenininha, desde dois anos, porque junto com a professora Célia iniciamos um trabalho juntas, no Colégio Elias Moreira. Neste aspecto foi muito rico. Meu trabalho na pós-graduação, o projeto de conclusão foi sobre desenvolver uma cultura, o gosto pela Arte desde a infância na Educação Infantil, visitando os museus, fazendo as famílias, os pais, irem ao museu, sempre fazendo esta relação: pais, família, museu. E com isso eu consegui mudar essa cultura.

E Eliane:

Mas o curso de Artes Visuais contribuiu para eu entender e ter certeza absoluta o quanto a Arte era importante na Educação. Isto foi fundamental para mim, não abro mão disso que faço. Hoje na Escola em que eu trabalho, nós trabalhamos a Arte como conhecimento e não como mera atividade

artística, então para esta certeza que ela é a base de tudo, o indivíduo precisa saber ler uma imagem para saber entender os códigos que estão por aí, você estuda para tudo, para entender uma propaganda, então o curso deu isso, para ensinar a entender a leitura visual, entender a olhar, aprender a observar e é isso: serve para tudo.

Mas o curso de Artes Visuais contribuiu para eu entender e ter certeza absoluta o quanto a Arte era importante na Educação isto foi fundamental para mim, não abro mão disso do que faço.

Eu já trabalhava com arte, mas não era formada. Eu percebi a importância da arte na educação formal do indivíduo como um todo e não específico e como o conhecimento da arte influencia na vida do indivíduo.

Também Sulamir diz:

Eu posso te dizer, quando passei aqueles anos na Univille, foram os anos de ouro para mim, porque ali eu estava alimentando não só a professora, porque eu trabalhava, mas a artista, porque a artista brilhava porque ela respirava arte.

Em muitos outros aspectos, o Curso também contribuiu para a formação profissional e pessoal das entrevistadas, como se pode ver nos depoimentos seguintes:

De certa forma tínhamos uma distinção no grupo, tanto pela ideologia, proposta de vida, forma de se vestir, articulação com a cidade e, claro, pelo conhecimento e experiência em artes. (Linda)

A partir do momento que entrei na Universidade meu trabalho teve outra conotação. Eu comecei a me preocupar em estudar, a pesquisar, a desenvolver meu trabalho de forma mais consciente. Aprendi que meu trabalho tinha uma história, assim como eu, e quando falasse dele teria que costurar tudo, que falar tanto de mim como do processo e do motivo por que fiz aquele trabalho” (Linda)

Foi uma mudança radical na minha vida. (Deneuza)

O curso profissionalmente me deu todo o conhecimento de Artes que eu tive, tinha opção de fazer licenciatura ou bacharelado, fiz as duas, na época tínhamos as duas opções, poderíamos fazer uma depois a outra, eu resolvi fazer as duas juntas, foi bem trabalhoso, eram dois projetos de conclusão,

dois TCCs, mas eu tive pessoas bem importantes que foram a professora Silvia Pillotto, foi minha orientadora na licenciatura, e a Professora Eliana Stamm, que foi minha orientadora no TCC, no bacharelado. (Deneuza)

Mas também meus estudos me levaram aos pensamentos e teoria de Nietzsche. A exposição se chamou Olhares Mundanos; nela fiquei estudando, pesquisando e criando um monte de tempo, parecia algo elástico, quanto mais trabalhava mais surgiam coisas, formas e possibilidades de trabalho, foram mais de quatro anos”. (Linda)

O curso foi ótimo, a turma muito legal, os professores amigos, companheiros, aprendemos muito, fiz muitas amizades, enfim tenho saudades... Foi muito bom. (Linda)

O curso deu isso, para ensinar a entender a leitura visual, entender a olhar, aprender a observar, e é isso. (Eliane)

Importância da minha graduação: como esses conhecimentos direcionaram minha trajetória. Pontuando as diversas etapas, mesmo com afastamentos temporários, os retornos foram como um chamamento. É a paixão pelo que gosto e pelo que aprendi e experienciei na área artística; conhecimento que me foi passado pelos professores e orientadores. (Linda)

Essas afirmações sobre o Curso de Artes Visuais da Univille o abordam de forma mais geral; entretanto, essa síntese baseia-se em diversos elementos que a constituem e que serão desenvolvidas a seguir.

4.2 Os conteúdos e os professores

Muitas são as referências às várias linguagens da Arte como uma das principais bases do Curso de Artes Visuais da Univille. Isso está também relacionado ao projeto pedagógico do Curso, às atividades realizadas, à metodologia de ensino e ao sistema de avaliação, que constituem os fundamentos para que esses conteúdos possam ser partilhados entre professores e alunos e façam parte da vida profissional dos alunos nos diversos campos de atuação que o Curso propicia. Os professores ocupam espaço significativo nas narrativas das entrevistadas e estão diretamente relacionados à questão acima; por isso, serão tratados também neste tópico.

No depoimento de Linda essas diversas articulações explicitam-se:

As aulas eram sempre diferentes, direcionava de uma forma que adentrávamos nas obras e na história. Ninguém dava um pio na sala. Olhos e ouvidos atentos sempre pelas informações e pelas provas que vinham cobrando tudo com muita reflexão. Nas provas nós tremíamos todas e estudávamos muito, colar nem pensar! Era estudo mesmo, conhecimento em história, domínio do tema. Não tinha saída, passávamos noites estudando. O professor era uma pessoa muito importante, isso não quer dizer que os outros também não fossem, mas o professor Otto nos deu aula por quatro anos de História da Arte, eu já tinha conhecimento superficial de História da Arte, mas com ele tivemos outro enfoque, outro mergulho, digamos assim, na História da Arte. Isso trouxe uma segurança do que eu estava fazendo.

O artista trabalha em sua criação de uma maneira incansável. Cria e recria até que novas imagens surgem. A associação com a literatura e com conceitos filosóficos torna-se uma união de recursos que se transformam em imagens mentais e o processo culmina numa obra pronta.

Então esta facilidade eu aprendi contigo [pesquisadora]; para mim foi fundamental e perceber que a gravura é elitizada, mas que se pode trabalhar com aluno também. Com uma simples borracha você pode fazer gravura e com qualquer prancha de isopor, tecido ou mesmo com a serigrafia fazer painéis com recortes. Até hoje eu faço lá e oriento na escola. Acho que para mim a simplicidade de trabalhar com esses materiais é o ganho para se trabalhar numa escola pública, só que lá na minha escola eu posso ter alguns materiais, só que para os alunos aprenderem que podem trabalhar com esses materiais para mim essas coisas foram fundamentais.

A História da Arte ocupa, nos depoimentos, um espaço importante na memória das ex-alunas, como mostra a fala de Linda:

Como falei a faculdade me trouxe essa vontade de estudar, ler e ensinar também. Eu entrei neste mundo um pouco fascinada pelas aulas de história da arte, pela forma e comprometimento, seriedade com que o professor Otto Francisco organizava, cobrava e passava para nós os conteúdos, sempre de forma diferente. Sem grandes recursos de audiovisual, muito pouco trazia para a sala, usávamos o livro do Gombrich.

Outras linguagens e conteúdos são citados, como se vê a seguir:

Faz três semanas eu estava arrumando os materiais lá, achei uma fotos no tear, tiradas no Laboratório da UNIVILLE, fiz uma montagem com as fotos de meu filho, do meu marido, fiz um quadro, e coloquei num porta retratos, eu estava tecendo com uma roupa vermelha e eu disse, “puxa que foto linda!”. Então, a tecelagem foi muito importante na minha vida, porque depois disso eu teci muito, eu tenho tear, eu fui aprender outras tramas, eu fiz outras oficinas de cursos de tecelagem e acabei sendo professora de tecelagem em cursos profissionalizantes. É uma das linguagens da Arte que eu trago sempre para a sala de aula. Hoje eu sou professora no curso de Pedagogia da Anhanguera, porém para as minhas alunas eu trago experiências das oficinas do curso de Artes. A tecelagem e a argila foram duas linguagens que foram fortes na minha formação, na minha vida, experiências que consegui com o curso. E dentro das linguagens da arte, a que eu mais me identifiquei foi a cerâmica/escultura, com a produção plástica da argila, que já vinha há mais de 20 anos fazendo argila, me dedicando. Eu gosto muito de mexer na terra, o homem é um ser da terra, gosta da natureza, eu não posso me distanciar disso, e a argila em primeiro lugar. (Ivone)

Ter você, Célia, que foi minha professora de gravura, que durante muitos anos foi minha paixão, não é minha linha hoje, mas que na escola procuro fazer, porque o que foi importante nas suas aulas foi a facilidade que você fazia, e a gravura com qualquer material e que podemos trabalhar a gravura em qualquer momento na sala de aula, isso foi fundamental. (Deneuza)

O cinema, a parte visual, tivemos essa cadeira com o Tirotti como professor, que é uma pessoa importante na área cultural e artística em Joinville; então acho que o curso de Artes com certeza traz benefícios com exposições, os olhares, as palestras, eu acho que ainda é possível que ele seja mais envolvente e que a comunidade possa participar mais. (Deneuza)

Um dia percebi que as mini-historinhas que montava em cada obra tinham relação com os fantásticos contos do argentino Luiz Borges, era o mesmo estilo! Desde menina o escritor me fascinava pela fantasia que criava e sua relação com minha cidade. Em alguns momentos Borges visitara Livramento e Rivera, minha cidade natal, talvez por esse motivo tenha atração pelo escritor. (Linda)

Como se viu acima, os conteúdos não aparecem apartados dos professores. Isso se percebe nos depoimentos acima sobre a disciplina História da Arte e, nos seguintes, sobre o professor que a ministrava. Assim sendo, para dar sequência a essa discussão, seguem os depoimentos em que as narradoras falam de seus professores.

O professor Otto, de História da Arte, como já dito, é citado por suas ex-alunas várias vezes e por múltiplas razões. Diz Linda:

O professor passou a ser um conselheiro para a turma; quando tínhamos problemas ou dúvidas recorriamos a ele. Sempre muito bem informado, aconselhava às vezes, recorrendo a um tom de brincadeira e gracejo, mas sempre primando pela verdade e para que batalhássemos pelos nossos direitos de cidadão.

Mesmo depois que terminou a faculdade, em diversos momentos recorri ao professor, ou para tirar dúvidas ou para conselho em questões específicas ou até mesmo só para visitá-lo. Ele tem um antiquário agradável e bonito para visitar; é um passeio aos tempos idos. Tenho-o hoje como exemplo no meu trabalho de professora, uma pessoa que está sempre bem informado e trabalhando mesmo depois de aposentado. Quando converso com ele, nos encontros casuais de rua, ele caminha constantemente exercitando seu cooper; tenho a sensação que os anos não passam, é sempre o mesmo, com ar brincalhão e maroto, mas de professor.

Eu já tinha conhecimento superficial de História da Arte, mas com ele tivemos outro enfoque, outro mergulho, digamos assim, na História da Arte. Isso trouxe uma segurança do que eu estava fazendo.

Sobre o Professor Otto, diz Sulamir:

Lembro de alguns professores do curso como o professor Otto, um professor muito exigente, é o professor que mais marcou todos os alunos, em todas as turmas, porque aquele professor que mais exige é aquele que mais fica porque é aquele que promove nosso conhecimento intelectual, desenvolve nossa sensibilidade, aprender a querer mais, a saber mais, então eu tenho muito a agradecer, e guardo em meu coração com muito carinho do professor Otto.

E Eliane:

Lembro-me do professor de História da Arte, maravilhoso, professor Otto, para mim foi um profissional maravilhoso, quando entrávamos na sala com dúvida ele respondia.

O professor Otto, que foi querido na minha vida, era também muito exigente, às vezes intransigente, nas coisas que ele queria, mas as coisas aconteciam.

E do professor Otto eu recebi um elogio [fala com expressão emocionada], foi nosso professor nos quatro anos.

No dia da formatura, ele foi nosso Amigo de Turma, e quando naquela bagunça de se abraçar no final, ele disse baixinho no meu ouvido, “você era a aluna que melhor escrevia”, só que eu não podia falar porque causaria ciúmes na turma. Meu Deus! Isso era um presente, Célia, que você não tem noção, ele era muito exigente e ele vem dizer para mim no dia da formatura, que eu escrevia bem na disciplina dele, foi o maior presente que eu ganhei, eu acho sinceramente, preciso falar isso para o professor Otto, antes que não o veja mais. Às vezes o professor se torna importante para nós e não falamos para ele. Era o jeito dele, então, o professor foi uma referência em Joinville, na Arte e de professor de História da Arte. Ele ainda está atuando com grupos de pessoas, e quando fiquei sabendo, falei que gostaria de ser aluna dele novamente, porque é uma coisa fantástica.

Vale a pena destacar esse dado, pois tanto a disciplina quanto o professor são citados por várias depoentes. Em primeiro lugar, fica explícita a relação entre o conteúdo e o professor que, unidos, tornam-se tão significativos para as alunas. Por outro lado, há que se considerar que a disciplina é teórica, num curso eminentemente prático, em muitos casos, manual. O professor é exigente e as alunas têm que estudar muito, é até “intransigente”, segundo um depoimento; no entanto, são lembrados, conteúdo e professor, com reverência.

Além desse professor, outros professores são lembrados e elogiados. Vale a pena destacar que não há depoimentos em que algum professor seja criticado, o que mostra que o Curso estabelecia relações entre conteúdo, professores e alunos bastante positivos. Seguem abaixo alguns depoimentos sobre os professores.

A professora Silvia Pillotto foi outra que iniciou junto com o curso. Foi a Eladir que a convidou, eram amigas, colegas e vizinhas. A Silvia deu diversas disciplinas, até teatro, o que foi significativo na nossa produção como artista. As aulas eram soltas e auxiliavam a nos desinibir. (Linda)

Nas linguagens artísticas, tinha um professor que vinha de Curitiba, e depois ele faleceu, ele lecionava Composição Visual, ele por alguma razão ele marcou. Não sei se é porque veio a falecer, mas contribuiu”. (Sulamir)

A Eladir me marcou muito. No Congresso que participamos em Blumenau, um encontro de Artes, foi importante na Educação Artística, marcante para mim, foi um dos primeiros, pois dou ênfase à obrigatoriedade do ensino da Arte nas Escolas, então eu fiz esta viagem com a Eladir. Nós fomos e voltamos falando sobre o curso, uma pessoa maravilhosa, lutadora, guerreira mesmo, e logo em seguida ela veio a falecer, então isso me marcou, um pesar, a preparação para a despedida, mas isso passou. A Eladir contribuiu muito com o curso. (Sulamir)

Silvia Pillotto, ela contribuiu muito no movimento da Performance, como ela ajudou o grupo a se organizar, ela estava sempre junto com o Grupo de Performance, ela participava junto nas apresentações, ela foi bastante importante neste movimento, porque ela nos estimulou, era uma pessoa muito sensível, ela apresentava junto, era fácil chegar perto dela, uma pessoa acessível. (Sulamir)

Sempre lembro da Eliana, a visão que tem da Arte e do meu trabalho, a visão que ela me passou foi muito favorável para meu crescimento na escultura como artista. A leitura que ela fazia das peças era com amor e muita profundidade e até hoje eu guardo as peças que fiz na época com ela, apesar delas estarem simetricamente incorretas, vamos dizer assim, um profissional que faz escultura para vender com simétrica ela vai achar errado, mas a leitura que ela fazia me encantava profundamente”. (Eliane)

De todos os professores, posso citar todos, nenhum esquecido, até porque nós sempre nos encontramos, não é? Celinha foi minha professora de tecelagem e de gravura, foi uma personagem importante, pela tua leveza, tua tranquilidade em sala de aula, mostrando todas as possibilidades para se trabalhar em sala de aula. (Eliane)

A professora Eliana Stamm não é só professora, é uma amiga querida e estimada que eu ganhei na Univille, como professora de Cerâmica. (Eliane)

Professora Silvia Pillotto foi uma professora importante também, sempre com um jeito muito especial, lutadora. A Letícia também foi minha professora importantíssima, a Ilanil, o professor João, de fotografia, a professora Marília, de desenho, são pessoas que cruzamos e que fazem a diferença para nós hoje. E, fazendo o mestrado, me encontro com algumas delas como aluna ou como colega de trabalho. (Eliane)

Lembro-me de alguns professores do curso como se formos buscar, todos foram importantes porque fui buscar minha formação com toda a energia e minha força, com todo o amor e todos os professores foram importantes, alguns vieram me completar, mas de modo geral todos foram significativos”. (Ivone)

Eu tive pessoas bem importantes, que foram à professora Silvia Pillotto, minha orientadora na Licenciatura e a Professora Eliana Stamm, minha orientadora no TCC, no Bacharelado. (Deneuza)

A fala de Linda talvez resuma a fala de todas as entrevistadas sobre seus professores e sobre os conteúdos do Curso:

Agradeço hoje a oportunidade e o tanto que acreditei e valorizei minha formação. Acho que foi um divisor de águas. Aprendi muito com os professores, todos foram legais, receptivos e sempre solícitos para com a turma.

A partir daí vi que poderia relacionar meu trabalho com algum artista, com algum nome da história, então me posicionei de uma forma diferente como artista plástica, eu vi que não era brincadeira... Não que achasse que o que fazia era brincadeira, mas vi que podia enveredar por outros lados, que meu trabalho podia ter outra conotação... Em fim, pesquisar de outras formas... Comecei a trabalhar com materiais diferentes, com outras linguagens, a pesquisar e olhar o meu dia a dia de forma diferente.

4.2.3 A dimensão afetiva: sentimentos nas relações entre os alunos e na vivência artística

Complementando o tópico acima, e por entender que o clima estabelecido pelo Curso permitia também um convívio harmônico e amistoso entre os alunos, ficam registrados, a seguir, alguns depoimentos sobre as relações entre os alunos do curso e, sobretudo, do clima afetivo que as permeava. A amizade entre os alunos marca as relações que se estabelecem no Curso. Vale dizer que muitas dessas amizades persistem até hoje. Abaixo estão registradas algumas falas sobre essas relações e os sentimentos que emergem quando o passado é trazido pela memória.

Quando me lembro dos tempos do curso sinto... muitas saudades, nossa, principalmente do grupo em que a gente estava inserido, a Linda, a Célia, o Carlos, dói... dói no meu peito a saudade, (...) pois foram muitas risadas, muitas... uma convivência de grandes aprendizados. Realizamos e criamos um Grupo de Performance Papirus nas aulas de Teatro e isso marcou bastante as nossas vidas e com certeza aonde nós trabalhamos mais a nossa sensibilidade cênica". (Deneuza)

Lembro do curso, dos colegas, sinto em primeira mão muitas saudades, o grupo sempre foi muito crítico, o que destaco, que chamou atenção do nosso grupo foi o pensamento crítico construtivo, sempre à frente de seu tempo, não havia um contentamento fácil. Os professores tiveram muito trabalho: nós questionávamos tudo por um lado; isso foi construindo nossa trajetória desde o primeiro ano, isto deve ser visto como uma questão construtiva, sempre indo em busca de transcender, sempre dentro do um contexto atual. (Ivone)

Eu nunca me esqueço do primeiro dia de aula, encontrei a Eliane Frutuoso, sentada na primeira fila, na primeira carteira da janela, eu também sozinha sentei atrás dela, começamos a conversar, formamos uma grande amizade, uma grande parceria e fomos parceiras, fomos sócias no Atelier por oito anos na Alquimia da Terra. (Deneuza)

Sinto saudades, sinto muitas saudades da turma, tenho ainda vínculos com uma grande maioria, entramos com quarenta e nos formamos com dezoito mulheres, os meninos foram ficando, alguns desistiram, alguns trancaram, formaram-se depois, mas nos formamos em dezoito mulheres, uma turma pequena, mas ainda tenho contato com quase todas elas, nos encontramos, quase uma vez por ano, nós fazemos uma café juntas. (Deneusa)

Agora me lembrando, no dia de nossa formatura, foi lá no Tênis Clube, e lá na Colação de Grau, eu convidei alguns casais amigos meus e eles foram, e um deles falou “que linda a formatura, parece que vocês estão se formando em Filosofia”, foi um cerimonial muito lindo. A Janine fez um discurso muito lindo, fez um passeio por todas as disciplinas, também percebi a profundidade que é nosso curso. E que ele nos transforma como pessoas. Esse é meu pensamento”. (Deneuza)

Quando lembro do tempos do curso sinto saudades de experimentar coisas diferentes. (Eliane)

A expressão de sentimentos também aparece, embora de maneira mais sutil, quando as entrevistadas falam da vivência com a Arte. Mais especificamente, quando se referem aos sentidos que a Arte tem para elas, sobretudo na relação que se estabelece entre a vivência artística e suas condições existenciais. Seguem abaixo algumas falas que expressam essa vivência afetiva na experiência artística e na vida.

Outro sentido na Arte, porque a Sulamir [fala de si própria em terceira pessoa] tem um lado que quanto mais difícil, melhor para ela, mais difícil, mais prazeroso, aí parece que o caminho torna-se mais saboroso, mais interessante, do que pegar um quadro e pintar, jogar uma linha e tal, projetar, então são caminhos já percorridos e que é até interessante. (Sulamir)

Mas como ela tem pouco tempo, ela tem que dividir o tempo dela como mãe, como professora e como artista, então ela tem que buscar coisas diferentes na minha vida, coisas que eu não sei ainda, coisas que eu preciso me realizar, de repente eu volto, é assim... estamos sempre em constante movimento. Hoje estou pensando muito na pedra, amanhã quero pintar um

quadro. A Sulamir quer ouvir mais o seu interior, aquilo que ela mais gosta de fazer. (Sulamir)

O que ficou de bom, muita coisa, tudo na minha vida foi muito significativo... viver é bom... a vida é maravilhosa... você pode criar todo dia e eu só tenho a agradecer ao planeta e a Deus que oportuniza esse raiar do sol, até o ar que se respira e se compromete com tudo, ser holístico, se comprometer com os nossos netos, nossos filhos e deixar um resultado positivos para eles. (Ivone)

4.2.4 Da formação à profissão: arte, cultura e educação

As entrevistas realizadas mostram, com clareza, a amplitude de atuação proporcionada pelo Curso de Artes Visuais da Univille e a ativa vida profissional das entrevistadas, além da relevância social que caracteriza os trabalhos realizados por elas.

Há entrevistadas que atuam em gestão, em geral no âmbito da cultura, mas há também aquelas que atuam em gestão educacional. Veem-se abaixo depoimentos sobre a atuação em gestão cultural.

Linda atua em vários campos, entre eles, em gestão cultural, à qual articulou seu trabalho de mestrado:

Cheguei a Joinville e tinha um convite para integrar a equipe do novo governo. Tinha que escolher e muito rápido, porque assim tinha que ser. A proposta era o Museu Casa Fritz Alt. Minha casa, que estava alugada, tinha sido desocupada, eu tinha três trabalhos em Brasília: aulas na ESAMC, aula de pintura numa escola de artes na asa Norte e tinha sido selecionada depois de passar por quatro processos avaliativos para trabalhar com Ensino a Distância no SENAC.

Eu fui nomeada Diretora da Casa da Cultura no início de 1997. Tinha uma atuação política/cultural na cidade, participava ativamente da AAPLAJ, reivindicávamos mais espaço para os artistas, participação de representantes dos artistas na política e na cultura da cidade, estava sempre presente em todas as discussões.

Com o Mestrado, com minha pesquisa, eu tenho mais contato com as questões culturais de Joinville, mas eu vejo que o curso de Artes abriu portas, ele trouxe uma profissionalização, porque não tinha pessoas formadas nos museus e em outros espaços de cultura; nós sabíamos que precisava de profissionais qualificados.

Hoje é diferente, você vai ao Museu de Arte de Joinville e vê pessoas formadas, exposições com monitorias. Com pessoas formadas, com todo o conhecimento na área de Artes, acho que isso faz toda a diferença.

Em meio a muitas atividades, é na Educação, porém, que Linda encontra mais satisfação.

Eu já fiz muitas coisas, já trabalhei com turmas diferentes, disciplinas diferentes, já tive uma escola, já fui diretora na Casa da Cultura, hoje sou diretora no Fritz Alt também, mas ainda acho que de todas as experiências que tive a que mais gosto é a sala de aula. Quando tive a escola lembro que o que queria mesmo era dar aula.

Depois da formatura, meio perdida e sem rumo do que fazer, estava visitando a faculdade para matar a saudades, quando me encontro com a professora no corredor da entrada, quando me perguntou se eu queria pegar a turma dela no [nome da escola], nesse ano, pois teria que se dedicar mais à FURJ. Achei uma grande oportunidade, aceitei e peguei as aulas. Lembro que foi difícil planejar as aulas e aplicar tudo que tinha aprendido em sala de aula. Mesmo com dificuldade e pedindo socorro à professora, comecei minhas aulas, daí só foi... A professora Silvia, anos mais tarde, foi orientadora minha no Mestrado e do Doutorado.

No mestrado construí um material didático completando e dando sentido ao eixo de apropriação dos artistas modernistas brasileiros. No doutorado minha intenção é revisar e aplicar esse material nas escolas, também sob a orientação da Prof^a. Silvia e a Célia como coorientadora.

E Linda conclui:

A partir do curso que fiz, meu currículo, meu trabalho, minha atuação como artista, deu um pulo... Então, foi um diferencial muito grande na minha vida o curso de Educação Artística.

Outra entrevistada, Eliane, atua na educação e na gestão cultural, mas é o trabalho direto com a Arte, a produção, que mais a satisfaz.

“A arte ainda hoje me toca muito. Veja, a gestão é gostosa, eu gosto do que eu faço, só que a produção me fascina mais. Só que eu não vivo disso, eu

vivo da gestão, e a produção é mais prazerosa, é como se fosse um alimento e eu preciso dele. É como se fosse a Bienal em São Paulo, eu tenho que ir, ver exposição, tenho que me alimentar, senão eu vou ficando. E o gostoso é que na Escola é só falando de alunos o tempo todo, e quando você sai, vai nesses lugares, você só fala de Artes, aí isso é fascinante, é muito prazeroso. Este convívio de falar da Artes, quando penso na Universidade, me faz falta”

Entretanto, Eliane tem uma longa experiência em Educação e uma concepção muito clara sobre o lugar da Arte na escola, o que a faz criticar a maneira como ela é tratada nesse espaço e a visão dos professores que atuam nessa área. Diz ela:

Hoje nós experimentamos muita coisa, então contribuiu na vida pessoal a área profissional: eu coordeno o Centro de Artes do Colégio Elias Moreira. Já estou lá há vinte e três anos e, na coordenação, oito ou nove anos; então praticamente a história do colégio, a construção do início do ensino da arte no colégio, eu participei, é o que eu faço lá: a coordenação dessa área específica. É uma escola que respeita o ensino da arte, mas eu sinto dificuldade no professor de hoje, é que ainda infelizmente eles acham que a arte é mais uma forma de se soltar, fazer uma coisa interessante, fazer uma aula legal, eu tenho dificuldade de contratar que professor que olhe a arte como conhecimento, e daí fazer avaliação, o conteúdo, a cobrança e trabalhar a prática e que ela seja como o registro do conhecimento e não a prática pela prática, mas que ela venha acompanhada do conhecimento e depois vem o registro.

Hoje na Escola em que eu trabalho, nós trabalhamos a Arte como conhecimento e não como mera atividade artística, esta certeza que ela é a base de tudo: o indivíduo precisa saber ler uma imagem para saber entender os códigos que estão por aí, você estuda para tudo, para entender uma propaganda, então o curso deu isso, para ensinar a entender a leitura visual, entender a olhar aprender a observar, e é isso.

Eu coordeno o Centro de Arte do Colégio [nome do colégio] e estou indo a Curitiba para fazer escultura lá com Levo (escultor), no Centro de Criatividade, uma vez por semana. Eu e a Sulamir, que foi a cabeça desse olhar, com a realização de um projeto no [colégio]. Ela montou o projeto, então começou com ela, e como a Sulamir tem uma afinidade muito grande com escultura, nós programamos em ir uma vez por semana a Curitiba nos aperfeiçoar em escultura. Eu estou buscando na cerâmica e ela no mármore. No mármore eu também estou fazendo, mas na cerâmica é que eu estou buscando, fazer rosto com mais perfeição, esculturas com rosto mesmo, não o fazer intuitivo, mas pegar uma foto e isso eu tenho vontade de fazer.

Eliane continua sua narrativa, referindo-se ao Curso de Artes Visuais:

Mas o curso de Artes Visuais contribuiu para eu entender e ter certeza absoluta do quanto a Arte era importante na Educação: isto foi fundamental para mim, não abro mão disso, do que faço.

Eu já trabalhava com Arte, mas não era formada. Eu percebi a importância da Arte na educação formal do indivíduo como um todo e não específico e como o conhecimento da Arte influencia na vida do indivíduo.

Então eu tento dizer na escola e com as pessoas que trabalham comigo que a Arte faz o aluno abrir a cabeça para tudo, não é só para aprender História da Arte não, ele vai aprender a história da arte de ontem para olhar o hoje e entender o amanhã, resignificar.

Deixei a escola para montar a minha escola. Queria construir um espaço voltado para o ensino da arte com particularidades da arte-educação, como tinha aprendido na faculdade. Daí surgiu a ideia, uma visão de que eu poderia montar uma escola, trabalhar o desenho em todas as formas e modalidades, uma escola voltada para desenvolver técnicas e linguagens em desenho com arte. Do jeito que eu queria: uma escola de arte, juntando aos conhecimentos da faculdade o que tinha aprendido no Equador, no CIDAP (Centro Interamericano de Artesanías y Artes Populares) em Cuenca.

Quando voltei do Equador estava com a cabeça cheia de coisas novas, fiz um planejamento, um plano de ensino de como seria a escola numa primeira etapa e como seria numa segunda etapa. Tratei da documentação e do registro da empresa em todas as instâncias, municipais, estaduais e federal. Em poucos meses estava fundando a escola com uma pequena galeria de arte, na minha casa. Tinha uma sócia Alexandrina Bandeira de Mello, ela tratava do burocrático e eu de toda a parte pedagógica. Nossa ideia fundamental era trabalhar com cursos partindo do desenho, um sonho meio louco para desenvolver: o ensino e suas possibilidades na linguagem do desenho, da pintura e da escultura. A batalha era constante para manter a escola, para montar novos cursos e pela procura de professores que atendessem nossos objetivos. Montávamos muitos cursos, alguns com sucesso, outros nem tanto. Montamos um curso de decoração que passou a ser o carro chefe da escola. Terminava um começava outro, sempre com muita procura. O nome da escola era Espaço Cultural Latino americano. Atendíamos crianças também. Em 1997 fui nomeada diretora da Casa da Cultura, aí a escola passou a ser jogada para segundo plano, mas sempre funcionando.

Eliane faz, no entanto, uma crítica ao Curso de Artes Visuais:

Quando lembro dos tempos do curso sinto saudades de experimentar coisas diferentes e sinto também que no curso me fez falta ter lido mais sobre Educação. O que sinto falta hoje. O curso era muito direcionado só para as

artes, era para formar para o magistério, só que ele não dava embasamento na Educação, era só para o ensino da Arte.

Deneusa conta como chegou à Educação e como o ponto de partida foi o Curso de Artes Visuais:

Profissionalmente posso dizer que o curso de Artes abriu os caminhos para buscar, e a professora, surgiu.

A longa experiência de Deneusa tem início num estágio, mas se amplia na docência, inclusive no ensino superior, como ela conta nos trechos abaixo:

Falei com a Diretora que precisava fazer estágio em sala de aula. Fui e comecei a fazer o estágio, e nós tínhamos que fazer no Fundamental e Médio, com uma professora de Artes, que tinha aulas em todas as séries. E eu acho que tínhamos que fazer um semestre inteiro, então fiquei naquela escola. Lembro que a professora estava grávida e bem no finalzinho ela pegou licença e eu fiquei com as turmas. A Diretora me chamou e perguntou se eu queria ficar com as aulas.

A Escola [nome da escola] [também] me chamou e disse: “olha nós estamos querendo que você venha trabalhar conosco nas aulas de Artes”, aí perguntei “e a outra professora?”. Ela disse “ela não vai voltar porque deu uns desacertos aqui entre ela e o diretor e ela não vai voltar”. Achei que era uma situação desagradável, fiz estágio na sala dela, e agora estão me pedindo para eu assumir as aulas no lugar dela, eu não me sentia bem, então me falaram, “se você não assumir, outra vai, já está decidido”. Fiquei no [nome da escola], durante quatro anos, assumi todas as aulas de Arte. Fui coordenadora de Artes e Eventos naquela escola e aí nasceu, surgiu a Deneusa, professora, foi uma mudança, protagonizando minha vida naquele momento.

Deneusa conta como, do vestibular, passando pelo curso e pelas atividades profissionais, chega ao mestrado e amplia sua ação com base na Arte. No final de sua fala, reitera que foi o Curso que lhe deu as bases para todas as suas ações profissionais. Diz ela:

Fiquei naquela escola por quase quatro anos, trabalhando como professora e coordenadora, foi bem importante, foi uma conquista minha. Eu que fui atrás do vestibular, depois buscar o curso, depois o estágio, depois ser efetiva na escola, por fim o Mestrado. Hoje eu sou professora no curso de Pedagogia da Faculdade Anhanguera, nas disciplinas de Educação e

Cultura; neste semestre vou trabalhar com a disciplina de Educação e Diversidade, já trabalhei com a disciplina de Educação não formal, a disciplina de Jovens e Adultos e a minha formação é Artes, mas eu tenho chão e posso trabalhar com outras disciplinas, porque no curso tivemos aulas de Filosofia e outras disciplinas importantes, e na UNIPAZ, muito importante.

Tenho um trabalho bem bom que é com a faculdade da Terceira Idade, e lá é um trabalho com os idosos. Tenho 30 alunos, entre 45 a 84 anos, com Arteterapia; o ano passado trabalhei bastante História da Arte e Prática Artística, e trazendo toda esta parte terapêutica junto. Este projeto é muito bacana, e eu gosto muito.

E, além disso, eu sou aluna Mestranda da Univille, retornei à casa: Mestrado em Educação. Agora vou para o segundo ano, minha pesquisa é sobre educação não formal: práticas educativas não formais em organizações sociais de Joinville. Faço trabalho voluntário na Associação Joinvilense de organizações sociais – AJOS estou na gestão esse ano, começando agora, e é um grande desafio para os próximos dois anos, então profissionalmente é onde eu atuo.

Sou chamada também para lecionar na pós-graduação na UNIPAZ, o curso é transdisciplinar, então sempre me chamam para dar a disciplina Artes, Expressão e Criatividade; juntamente com uma professora de Florianópolis, fazemos um seminário muito bom. Bem, terminando o mestrado quero estudar mais História da Arte, e continuar com a formação de professores, gosto muito dessa área na Pedagogia, gosto mesmo.

Nessa minha trajetória, fez bastante diferença, é a minha profissão hoje em dia, sou educadora, sou terapeuta, sou professora de Artes. Então, o curso de Artes me deu este chão, essa segurança de trabalhar com qualquer disciplina, dentro da área de Filosofia, da Arte, eu sei que foi muito importante eu ter feito Artes Visuais.

Eu acho que o curso de Artes Visuais contribuiu para ter os professores qualificados nas escolas, e isso é maravilhoso, porque hoje se tem outro respeito pela disciplina de Artes nas escolas, que não era. Então, esses professores formados nas escolas fazem uma grande diferença, sim. Então, é visto não como perfumaria, hoje é diferente, existe o respeito pelo profissional. Se na parte artística ainda falta alguma coisa, na licenciatura, está muito bem, conquistando seu espaço.

Sobre sua formação acadêmica após a graduação, Deneusa dá grande ênfase ao mestrado, como já citado acima, mas insiste:

Eu entrei no Mestrado, acho isso importante falar. Eu já havia feito duas pós-graduações e disciplinas em condições especiais. No ano de 2011, meu filho precisava ir até a Univille para fazer matrícula, eu fui com ele, e quando entrei, falei “preciso voltar para cá. Para trabalhar, estudar ou fazer alguma coisa”. Dirigi-me até a pós-graduação ou na Extensão, porque quando fui aluna na Univille eu fui estagiária na Extensão, me deu muita experiência, trabalhei dando cursos fora, no Coral, na organização dos Eventos, os cursos do SINE, cursos em diversas cidades como Araquari, então, neste dia entrei na Extensão e perguntei que cursos eles tinham para oferecer, elas falaram em Mestrado em Educação, tinham acabado de abrir a divulgação, nem folder tinha ainda.

O tema de dissertação de mestrado foi a história do ensino da Arte no Colégio Elias Moreira, toda uma leitura em cima do projeto da Arte no Colégio. A Arte como conhecimento, a arte que eu venho brigando todo esse tempo por isso, e que, graças a Deus, lá eu consigo esse respeito, não existe uma coisa formal, mas eu consigo manter um grupo que trabalha com decoração de natal, dia dos pais e os professores de Artes não se envolvem, pois ainda o Centro de Artes do Colégio é visto como decorar para tudo, formatura, decorar... vai ter uma palestra, precisa enfeitar o palco, o professor de Artes faz... aí eu consegui que o grupo que faz isso, são profissionais com habilidade para isso. Os professores de Artes em sala de aula não se envolvem com isso, isso eu consegui, o que eu acho difícil, pois, normalmente, o professor de Artes tem que fazer tudo na escola, lá a gente tem esse respeito, não sei até quando, mas a gente tem.

A atuação em Educação, para Sulamir, coexiste com vários papéis que, às vezes, competem entre si, mas que acabam por se harmonizar num todo coerente. Quando entrou no Curso, ela já vinha da Educação:

Quando eu entrei no curso eu já era professora de Artes, então me abriu um aprendizado artístico, a teoria e a prática eu já trabalhava com os alunos, então para mim foi algo extremamente importante o curso, porque foram muitas leituras, muitas experiências, onde eu fazia as pesquisas e passava para meus alunos. Então foi bastante rico muito interessante.

A educação me envolve muito, quase que me absorve completamente; e então é uma luta entre a Sulamir em ser artista e a Sulamir professora e a Sulamir que é casada, ela fez escolhas com a família, com os filhos maiores, e a Sulamir que está conseguindo pintar. No ano passado pintei nove quadros, pode ser muito pouco, mas para a Sulamir, que chegou com três filhos, mais a escola para dar conta, então para chegar a pintar nove quadros, para mim foi um sucesso. Eu sei que tenho que me organizar, eu tenho que me priorizar, essa é a questão toda, então, nesta busca toda eu tenho que me priorizar, eu tento, porque não é só a professora, mas o artista que tem dentro de você.

Porém hoje a Sulamir é talvez, já foi no passado, muito professora e nada artista, e também no cotidiano também extravasar sua arte, sua imaginação, a sensibilidade artística, através dos materiais artísticos das Artes Plásticas. Mas hoje ela vem lutando devagarzinho para ver se dá espaço de ser aquela artista também, por que não? Então hoje já está sendo mais fácil ela carregar a professora e a artista.

Eu estava num movimento artístico, depois terminou. Então fui fazer Especialização, que era mais teórica, mais teórica nada de prática e o tempo passou e fiquei na luta de casada de ter filhos, e a artista se a p a g o u, se apagou e ficou muito triste para mim e agora a Sulamir nada, nada e nada em busca dessa artista, ela está vendo todas as possibilidades de que vai vencer, não só como professora mas talvez a artista e quem sabe... só que a Sulamir essa é a questão ela não consegue abrir mão da professora, porque a Sulamir professora estudou muito, sabem que tem uma bagagem e que pode ajudar a humanidade, assim aqueles que a cercam, então a Sulamir pensa, puxa vida, tem todo aquele lado artista, que ela seria muito feliz, só sendo artista, mas como apagar o passado, é meio complicado, porque quando ela está ali, não ensinando Arte, porque ela acredita que Arte não se ensina, mas que abre-se janelas para perceber, ver, e sentir o mundo de forma diferente, então o que ela joga só são estímulos, sementinhas que às vezes desabrocha às vezes não desabrocha naquele momento, mas vai desabrochar numa hora oportuna as coisas acontece, eclode.

Envolvendo Educação e inovação, Ivone experimenta novos projetos em seu trabalho, tendo em vista sempre a preocupação com o mundo em que vive, pensando e atuando em busca de ações de sustentabilidade:

O artista nunca para, então estou fundindo, sempre pensando nos conceitos de sustentabilidade, porque em primeiro lugar o artista não deve querer trabalhar com qualquer material, ele deve ser mais crítico em seu fazer artístico e ver o que nosso meio ambiente comporta, se eu não vou produzir mais lixo nesse meio ambiente. Meu projeto na Educação Infantil foi sempre voltado ao reaproveitamento de materiais, buscamos trabalhar com o artista Krascheberg projetos de construção de brinquedos com as crianças de 2 a 3 anos visando sempre não poluir o meio ambiente e essa minha pausa é uma reflexão na minha vida e pensando em fazer algo mais significativo, que seja crítico, mas que ao fazer algo não vá prejudicar nosso planeta. Trabalhar bem os conceitos de sustentabilidade.

Hoje estou fazendo pesquisas com projetos alternativos, hoje estou desligada da escola do meio acadêmico, mas busquei uma pausa para reflexão, é um momento da minha vida, estou com 61 anos, então é um momento que eu dando uma pausa para depois transcender buscar novas metas.

Nesses relatos, percebe-se o amplo rol de atuações que as alunas do Curso de Artes Visuais da Univille alçaram a partir de sua formação. Entretanto, destaca-se a Educação como o campo em que a maioria encontrou espaço para realizar seus projetos, muitos dos quais proporcionando mudanças na maneira como a Arte é concebida na escola em geral e produzindo transformações no ensino da Arte que, sem dúvida, contribuíram para a construção de uma Educação mais democrática. Em verdade, a Arte, como conhecimento humano, deve ser acessível a todos e ter um lugar específico no processo de humanização, como um direito de todos.

4.3 O curso de Artes Visuais e sua presença em Joinville

Finalmente, não se pode deixar de fazer referência à contribuição que o Curso trouxe para a cidade de Joinville, não apenas para suas escolas, mas, sobretudo, para dar à Arte um espaço privilegiado na cidade, socialmente reconhecido.

Deneusa refere-se a uma das características do Curso que era o incentivo a seus alunos para participarem da vida cultural da cidade:

Na época nós tínhamos muito estímulo para participar na região, sempre éramos convidados para participar de exposições, workshop, eu acho que o curso tem uma grande importância na região, é fundamental, porque o curso obrigava a gente, de uma certa forma, a participar das coisas da cultura, em exposições, e nós participávamos ativamente.

Como reitera Ivone:

Antes do curso tínhamos poucas exposições, depois houve um aumento cultural com palestras, exposições, o curso para a cidade veio para acrescentar bastante, foi um marco, uma mudança brusca, senti uma mudança drástica, até então tinha poucos artistas, poucas pessoas falavam de Artes, hoje as famílias interagem e na cidade o curso só veio a acrescentar. Eu acho que ainda é pouco, pois deve haver uma melhor valorização do ensino da Arte, dos pais, das famílias; é lento mas já está se sentindo uma mudança para melhor.

Linda, ao falar de Joinville, a partir de sua chegada à cidade, faz uma ampla narrativa sobre sua condição cultural e as condições e demandas que levaram à necessidade de criação do Curso de Artes Visuais, assim como sua contribuição para o desenvolvimento do município nesse aspecto.

Joinville me trouxe todo esse envolvimento com a arte e possibilidades de crescer como artista, como professora, como pessoa. Nas artes, meu crescimento e evolução foi visível, esta é a diferença no meu currículo, crescimento que se deu seguramente pelos contados e convívio com pessoas e também pela proposta de incentivo às artes que a cidade teve.

Quando chegamos, ficamos encantados com esta cidade de colonização alemã: muitas casas com jardins floridos, as mulheres andando de bicicleta, uma paz em tudo e em todos. Muita indústria, morros bonitos, mas muita chuva e uma atividade artística que me encantou desde o começo, cinema, teatro, ceramistas, museus para visitar e uma Casa de Cultura que fervilhava.

Joinville para mim tinha esta característica cultural, de nobreza, porque se dizia que era uma terra de príncipes. No começo não entendia muito bem a história, qual era a relação com a realeza francesa, como vieram os imigrantes europeus. Mas isso me atraía: entender esse lugar meio mágico. Fomos morar num apartamento do início da Rua Lages, tinha uma sacada e dava para ver os telhados vermelhos das casas de enxaimel. Estávamos morando em Joinville, encantados com a cidade alemã, vendo morro por todos os lados que se olhasse. Sempre que saíamos a caminhar víamos as senhoras de bicicleta, com as cestinhas na frente, quando passava na frente das casas eu ouvia as pessoas falando em alemão e toda a relação da cidade com a cultura alemã.

Tudo eu achava encantador, as pessoas, a comida, os hábitos, tudo tinha uma poesia... Comecei a pintar telhados e casas, fiz tanto, tanto, hoje continuo pintando, depois de 25 anos, mas abstraí os detalhes, somente manchas... Mas continua sendo os telhados.

Desde que cheguei a Joinville (1985) ouvia, quando ia na Casa da Cultura, uma vontade de transformá-la em curso superior. Não sei até que ponto isto foi trabalhado politicamente. A professora Eladir circulava na Casa da Cultura também e certamente o passo seria pequeno para isso, talvez tenha faltado vontade para viabilizar essa ideia. A Casa da Cultura abrigava quatro escolas devidamente instaladas, oficialmente registradas e com dependências adequadas (Teatro, Música, Artes Plásticas e Dança). A faculdade era de manhã. Na FURJ tinha a Escola de Aplicação; transferi minhas filhas para lá, que, aliás, foi uma excelente escola para elas, bons professores, sem muro, nem cerca de limite. Era meio cidade, meio mato,

tinha horta, aula de teatro e muito lazer. Trabalhavam com a transmissão, produção, construção, divulgação e apropriação crítica do conhecimento para desenvolver e promover a responsabilidade social e a afirmação do educando. No intervalo as crianças ficavam livres para brincar, correr sem medo nenhum.

Além dos diversos espaços de cultura que a cidade tem, o que proporciona visibilidade à produção dos artistas, o próprio Estado oferece possibilidades de exposições, cursos, intercâmbios. Isso foi um grande diferencial na minha vida.

Além dos diversos espaços de cultura que a cidade tem, o que proporciona visibilidade à produção dos artistas, o próprio Estado oferece possibilidades de exposições, cursos, intercâmbios. Isso foi um grande diferencial na minha vida.

Precisávamos que a Fundação fosse mais voltada aos interesses da cultura, preservação do patrimônio, verbas para a cultura, enfim questões que hoje, em parte, estão resolvidas. Joinville sempre teve um grande número de artistas e estes levantavam bandeiras nas diversas linguagens, nós nas artes plásticas pedíamos mais investimento nos museus, no ensino de arte, no artesanato, teatro e na dança, enfim na arte em geral.

Eladir sempre falava que os artistas da cidade tinham que tomar partido e ir para as escolas dar palestras, fazer exposições, mostrar seus trabalhos e falar do processo de criação de cada um. Isto era valorizar e reconhecer o artista da cidade. Acho que ela foi o embrião de tudo que acontece hoje na cidade, assim como outras coisas também. Segundo a Professora Eladir, seria a única forma de criar um público entendido, curioso e que valorizasse a arte local, formador de opinião.

Eu carrego essa angústia como professora, porque vejo que a importância não é retratada em Joinville. Por isso a importância da Arte, do curso em Joinville, deve acontecer e deve trazer esta oportunidade para a cidade de Joinville e mostrar a importância que a Arte tem nas nossas vidas, ela é fundamental.

Sulamir também traz sua visão sobre as contribuições do Curso de Artes Visuais para Joinville, embora não poupe críticas à atual situação da cidade, principalmente pela necessidade de mais incentivo à cultura e às Artes:

Sinto que o curso significou muito para a área cultural de Joinville e região. Com certeza foi muito significativo nos movimentos artísticos de outrora e

de hoje, mas acho que é necessário um movimento artístico, em todas as cidades, porque é onde as pessoas vão promover seu intelecto, sua sensibilidade, vão perceber de forma diferente a vida. Eu vejo Joinville ainda muito fraco em visitas ao Museu, as escolas não o visitam e quando há uma intenção do lado dos professores, muitas situações negativas, sendo pontuado pelos coordenadores e diretores não é visto com aquela importância.

As pessoas precisam se abrir mais para as Artes aqui em Joinville, não sei em outras cidades. E como professora, todas as vezes que fazemos reuniões... quem iria fazer uma visita ao Museu, fazem visita em qualquer outro lugar, mas nem pensam em colocar no roteiro uma visita ao Museu, dizem que não têm tempo, então a gente fica assim vendo uma situação caótica e triste.

Agora, o curso contribuiu dentro de Joinville, para as escolas, para os Museus, mas ainda acho muito pouco, também os movimentos artísticos em Joinville, porque eu vou nos Museus e eu não encontro, eu vou no Centro Cultural Antarctica, que é uma extensão do Museu de Arte de Joinville, eu não vejo esses movimentos. Teria que ter mais, tem algum movimento, mas eu acho ainda muito pouco. Também as escolas se preocuparem em trabalhar a sensibilidade de seus alunos, nesses meios artísticos, nesses meios culturais, então promover excursões para esses lugares, visitas. Eu vejo pela minha escola, não há, não existe. Quando falamos que tem uma exposição assim, quem é que se interessa? Ninguém. Então falamos, “olha foi interessante e na semana que vem vai ser a última semana, o último domingo”. Quem foi? Quem foi no shopping? Então eu acho que é fraco.

Eliane também faz críticas e mostra a necessidade de maior incentivo para o mundo das Artes na cidade, mas não deixa de reconhecer a importância que o Curso teve para melhorar e aprimorar a condição cultural da cidade de Joinville. Diz ela:

O que tenho a acrescentar para Joinville hoje, é que sinto falta de um lugar para experimentação, estou indo a Curitiba fazer aperfeiçoamento. Eu sei que outras pessoas já foram e que é um espaço livre, um rancho na verdade, nós fomos conhecer a faculdade, mas dá muita liberdade. Não tem nem lugar para sentar, tem que levar até um banquinho, mas eu me sinto maravilhada, porque lá tem um que faz cerâmica, tem outro que está fazendo bronze, tem outro que está fazendo gesso, aí você anda por tudo, bebendo tudo aquilo. Eu saio de lá extasiada, eu e a Sulamir chegamos a Joinville abobadas. Então, esse ambiente descontraído e com um monte de gente produzindo, pensando o que fazer, como fazer, isso é maravilhoso.

Agora com o Mestrado, com minha pesquisa, eu tenho mais contato com as questões culturais de Joinville, mas eu vejo que o curso de Artes abriu portas, ele trouxe uma profissionalização, porque não tinha pessoas

formadas nos museus e em outros espaços de cultura, nós sabíamos que precisava de profissionais qualificados.

Hoje é diferente, você vai ao Museu de Arte de Joinville e vê pessoas formadas, exposições com monitorias. Com pessoas formadas, com todo o conhecimento na área de Artes, acho que isso faz toda a diferença.

Percebe-se, assim, que essas falas, entre outras, demonstram que o Curso de Artes Visuais da Univille tem uma relevância e um significado ímpar para a cidade. Pode-se dizer que, além do incentivo à produção artística, esse curso promoveu a formação de profissionais para atuarem em vários espaços. Nas afirmações acima, fica clara a presença desse curso para a profissionalização dos atuantes nos espaços culturais, antes exercido, provavelmente, de forma amadora e assistemática. Entretanto, parece que a grande contribuição do Curso reside, principalmente, na formação de educadores, não apenas na escolarização formal, para propiciar o ensino e a vivência artística para seus educandos, numa perspectiva progressista, que entende a Arte como direito, mas também como conhecimento específico que consiste num dos fundamentos do processo de humanização e do desenvolvimento integral dos indivíduos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses anos em que atuo na área cultural e educacional de Joinville, como artista plástica e educadora, fizeram com que me envolvesse, cada vez mais, nesse mundo maravilhoso dos sentidos, no qual a arte e a arte-educação estão presentes. A arte como manifestação e comunicação do ser humano torna-se presente quando no nosso interior deixamos fruir a sensibilidade, o conhecimento e as vivências pelas quais passamos durante nossa trajetória de vida.

Foi com esse princípio fundante que, ao analisar as narrativas dos sujeitos entrevistados na pesquisa, identifiquei muitas semelhanças entre meus sentimentos sobre o curso de Artes Visuais e as respostas dadas pelas arte-educadoras com respeito à relevância que essa formação teve para suas trajetórias de vida artística e educacional.

Ao analisar o **porquê da escolha pelo curso**, percebi que havia um interesse por conhecer e trabalhar novas linguagens artísticas. Ressaltaram que esse lado artístico as alimenta desde crianças e que, também na vida adulta, há o reconhecimento da predisposição para esse meio de expressão. O Curso também veio fortalecer esse fazer artístico e o ensino da arte enquanto objeto de profissionalização.

Nas expressões, observei que o Curso de Artes Visuais veio contribuir para aumentar seus conhecimentos sobre a arte em suas diferentes linguagens artísticas, como: Desenho, Pintura, Tecelagem, Gravura, Performance, Cerâmica, Escultura, Mídias Contemporâneas, Fotografia e Teatro. A presença dos docentes nesse processo de formação foi significativa, dos quais se destacam qualidades como: companheirismo, conselheiros, amigos, bem informados, alguns de ar brincalhão/maroto, exigente, pessoa encantadora, lutadora, guerreira, sensível, alguns com simplicidade, conscientes na escolha dos materiais, facilidade e tranquilidade para ensinar, pessoa querida, estimada, às vezes intransigente, pessoas que fazem a diferença, um jeito especial.

Vale destacar que esse movimento de formação em arte tanto mobilizou a experiência pessoal como também produziu ressonância na vida pública, ou seja, provocou o desenvolvimento cultural da região, pois qualificou pessoas para atuarem em diversos segmentos. Alguns egressos passaram a atuar profissionalmente como: artistas plásticos,

atores teatrais, fotógrafos e outras profissões que o ensino da arte proporciona.

A pesquisa aponta que o tempo em que as ex-alunas fizeram o Curso representou o melhor momento de suas vidas; porque ali foi-se alimentando não só a professora mas a artista, que brilhava e respirava arte. Essa experiência sobremaneira contribuiu para compreenderem com mais rigor o mundo que as cerca e que, através da arte, especialmente, os alunos conseguem interagir com diversas culturas, podendo refletir sobre os diferentes modos de vida de povos e como eles constroem sua própria história. Nesse sentido, observaram também que o exercício da pesquisa é essencial para as trocas, para a criação e é fundamental para a compreensão da arte como instrumento de ruptura.

Por fim, sei que, ao concluir esta etapa de trabalho, o que mais acumulo são perguntas. Tento, com esta pesquisa, de algum modo, identificar possíveis respostas. Tais respostas não são verdades absolutas e tampouco eternas. Têm tempo definido. Daí a minha compreensão sobre quanto a busca por conhecimento nos deixa sensíveis e humildes. Criamos um caminho para ler as provocações sugeridas, compreendendo que a sensibilidade é complexa, porém é um argumento do qual não se abre mão.

O artista trabalha em sua criação de uma maneira incansável. Cria e recria, e novas imagens surgem; associação com a literatura e com conceitos filosóficos tornam-se uma união de recursos que se transformam em imagens mentais e o processo culmina numa obra pronta. Olho uma pessoa, eu desenho. O artista é assim: quanto mais ele manipula os materiais, mais ele vai desenvolvendo formas diferentes, mais ele vai buscando se realizar no mundo da Arte; vai desenvolvendo formas novas; vai se encontrando nas linhas, nas pinturas, nas esculturas, na argila, no tridimensional.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de. *Etnografia da prática escolar*. 12ª edição. Papyrus editora, 2008.
- ARTE/EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA. *Consonâncias internacionais*. Ana Mae Barbosa (org.) São Paulo. Cortez Editora, 2004.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *História da Arte-Educação. A experiência de Brasília. I Simpósio Internacional da Arte-Educação –ECA – USP*. Organização: Ana Mae Barbosa. 1ª edição 1986. Editora Max Limonad Ltda. São Paulo.
- _____. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. 5ª edição, São Paulo: Cortez, 2002
- BOGO, Moacir Luiz. *De Belluno ao Brasil*. Gráfica Círculo do livro Ltda. São Paulo 1998.
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade. Lembranças do Velhos*. 3ª edição. Companhia das Letras. São Paulo, 1994.
- BRANDÃO, Rodrigues. *O que é educação*. Abril Cultural; Brasiliense, São Paulo. 1985.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9.349, de 20 de dezembro de 1996.
- BRINCAS, Sulamir. DAY, Eliana. Entrevista cedida à pesquisadora. Joinville, 2011.
- BRITO, M.E. *Centro de memória da eletricidade no Brasil – Memória e cultura*. Rio de Janeiro: C.M.E.B, 1989.
- CAURIO, Rita. *Artêxtil no Brasil: viagem pelo mundo da tecelagem*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985
- CAVALCANTI, Carlos. 1909-1974. *Como entender a pintura moderna*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Rio1981.

- CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a eistória da Severina*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1998
- CIAMPA, Antonio da Costa. *Psicologia social*. LANE. Silvia T. M. (org.) São Paulo Editora Brasiliense, 1998. Identidade p. (artigo)
- COSTA, Iara Andrade. (coord.) *Tempos de educar: os caminhos da história do ensino na rede municipal de Joinville/SC: 1851/2000*. Joinville/SC: UNIVILLE, 2005.
- DAY, Eliana. Entrevista cedida à pesquisadora. Joinville, 2011.
- DUARTE Jr. João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*. Criar Edições Ltda 2001. Curitiba, PR.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. 1953 – *Por que arte-educação?* 3ª ed. Campinas: Papirus. 1986
- DUARTE, Júnior, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação* 2ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 1988.
- FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; VALE, Márcio do. *Oficinas: gravura*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.
- FERRAZ, Maria Heloísa Correa de Toledo. *Metodologia do ensino da arte / Maria Heloísa C. de T. Ferraz, Maria F. de Rezende e Fusari*. São Paulo: Cortez, 1993 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor.
- FICKER, Carlos. *História de Joinville*. Crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (org.); colaboradores Ivanilde Apoluceno de Oliveira; Roberto Luiz Machado; Souza Pereira, Miriam Xavier de Oliveira. *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: ed. UNESP, 2001
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra. 1996
- FURTADO, Odair, (org.) Wanda M. Junqueira Aguiar; Sergio Ozella; Sandra Gagliardi Sanches; Edna Maria PetersKahhale; Fernando L. Gonzales Rey; Liebesny. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. Editora Cortez – São Paulo, 2001.
- GEVAERD, Mercedes Maria e PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. *Educação patrimonial conexões interativas*. Lages Grafine, 2011.
- GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. (org.) *Histórias de (I)migrantes: o cotidiano de uma cidade* 2ª ed. rev. e atual. - Joinville, 2005;
- COSTA, Iara Andrade. (coord.) *Tempos de educar: os caminhos da história do ensino na rede municipal de Joinville/SC: 1851/2000*. Joinville/SC: UNIVILLE, 2005.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JOINVILLE, Santa Catarina – Brasil. Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte – Funcultural de Joinville Editora Catarina Santa Ltda.
- KANDINSKI, Vasseli. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LARAYA, R. *Cultura um conceito Antropológico*. São Paulo: ZAHAR, 2008
- LIMA, Eneide Maria Moréia de; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino; MOMMA, Missae; BRYAN, Newton Antonio Paciulli (organizadores); RUSCHE, Robson Jesus. *Artes e Línguas na escola pública uma possibilidade em movimento*. Lindabel Delgado Cardoso; – Campinas, SP. Editora Alínea, 2008.
- LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/ Menga Lüdke, Marli E.D.A. André*. São Paulo: UPU, 1986.
- MAKOWIECKY, Sandra.. OLIVEIRA, Sandra Ranalho; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. *Ensaio em torno da arte*. Editora Argos Universitária. 2008.
- MARTINS, Itajahy. *Gravura arte e técnica*. São Paulo: Fundação Nestlé de cultura, 1987.
- MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte / Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, M. Terezinha Telles Guerra*. FTD, 1998
- OSTROWER, Fayga, *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- _____. *Acasos na criação*. Rio de Janeiro: Campus 1990
- _____. *Criatividade e processos de criação*. 5ª edição Petrópolis, Vozes, 1986.
- _____. *Universos da arte*. 3ª edição Rio de Janeiro: Campus, 1986.
- PEREIRA, Célia Ceschin. *A gravura como linguagem e suas possibilidades no contexto pedagógico didático do ensino fundamental*. (dissertação de mestrado). Blumenau, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido (org). *Saberes pedagógicos e atividade docente/texto de Edson Nascimento Campos... [et.al.]*; – 3.ed – São Paulo: Cortez,2002.
- PIMENTA, Selma Garrido e ANASTASIOU Lea das graças Camargo. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, - (Coleção Docência em Formação). 2002
- POOL, Linda Suzana Maciel. Entrevista cedida à pesquisadora. Joinville, 2011
- POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE: reflexões, diálogos e práticas/organizadores Eneide Maria Moreira de Lima; Lindabel DelgadoCardoso; Mitsuko A. Makino Antunes, Newton Antonio Paciulli Bryan, Adriana Missae. – Campinas, SP: Editora Alínea, 2009
- PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Curso de Artes Visuais. (documento). Joinville 1998.

PROPOSIÇÕES INTERATIVAS: Arte, Pesquisa e Ensino. Neli Klix Freitas & Sandra Ramalho e Oliveira (orgs). Editora UDESC. 2011.

PROPOSIÇÕES INTERATIVAS: Arte, Pesquisa e Ensino. Neli Klix Freitas & Sandra Ramalho e Oliveira (org.). Editora UDESC. 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos orais: do indizível ao dizível*. REVISTA CIÊNCIA E CULTURA, n°39. vol. 3. p.272 a 286, 1987.

READ, Herbert. História da Pintura Moderna. Circulo do livro. Título original: “A concise history of modern painting”. Marc e Kandinski (1912) *Prefácio à 2ª edição do Blaue Reiter Almanac*. Tradução: Álvaro Cabral. Copyright 1959, 1968, Londres. 1974, São Paulo.

RODRIGUES, Deneusa, Luíza. Entrevista cedida à pesquisadora. Joinville, 2011.

RIGOTTO, Raquel Maria. *As técnicas de relatos orais e o estudo das representações sociais em saúde*. REVISTA CIÊNCIA E SAÚDE COLETIVA III. Universidade Federal do Ceara, Fortaleza, 1998.

RONCA, Vera de Faria. *Relações entre mestre-educador: modelo identitário na constituição do sujeito*. Tese de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2005.

TAMANINI, Elizabete. *Vidas Transplantadas: Museu, Educação e a Cultura Material na (re) Construção do Passado*. (TESE). Campinas: UNICAMP, 2000.

Saberes pedagógicos e atividade docente/texto de Edson Nascimento Campos... [et.al.]; Selma Garrido Pimenta (organização) – 3.ed – São Paulo Cortez, 2002. – (Saberes da docência).

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibernética*/ Lúcia Santaella; [coordenação Valdir José de Castro]. – São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, Janine Gomes da. *Vivência de mulheres em Joinville no séc XIX*. In GUEDES, Sandra P.L. Camargo. História de (I)migrantes: o cotidiano de uma cidade. 2ª edição Joinville: Editora UNIVILLE, 2005

SEYFERTH, G. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC, 1981.

STAMM, Eliana e PILLOTTO Silvia Sell Duarte. *A arte como propulsora da integração escola e comunidade*. Joinville, SC: Editora UNIVILLE, 2007.

SCHULTS, Ivone. Entrevista cedida à pesquisadora. Joinville, 2011.

ANEXO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – *STRICTO SENSU* DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO – PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **Arte e Formação Profissional: Curso de Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE** elaborado pela doutoranda Célia Ceschin Silva Pereira do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – Psicologia da Educação da PUC-SP.

Sua participação é voluntária, tendo plena liberdade em recusar-se a responder as perguntas que, de alguma forma, lhe ocasionar qualquer constrangimento. Você também tem total liberdade em recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da mesma, sem prejuízo algum.

Os dados poderão ser utilizados para publicação de artigos ou serem apresentados em congressos.

Não haverá qualquer despesa pessoal para a participação da pesquisa, assim como também não ocorrerá nenhuma compensação financeira as mesmas.

Eu _____, compreendi o que está posto neste Termo e concordo em participar voluntariamente desta pesquisa bem como citar meu nome.

Nome do participante

Assinatura: _____

Data:

Nome do responsável

Assinatura: _____

Data: